

PERNAMBUCO

PIO FIGUEIROA

HILDA, OS CÃES ESTÃO BEM



VISITAMOS A CASA DO SOL DE HILDA HILST E COMPROVAMOS: A AUTORA NÃO FOI ABANDONADA

COLABORADORES



Márcia Denser, escritora e jornalista brasileira, conhecida por seus livros de contos.



Pedro Lemebel, escritor chileno que precocemente nos deixou em janeiro deste ano. Esta edição traz um trecho de seu romance *Tengo miedo torero*.



Pio Figueiroa fotografou Hilda Hilst em 2002, para uma matéria do jornal *Valor*. Hoje, ele, que também é diretor de cena e um dos fundadores do Coletivo Cia de Foto, revisita a Casa do Sol.

E MAIS

Alejandra Rojas C., tradutora. **Karina Buhr**, multiartista. **Ricardo Domeneck**, poeta brasileiro residente em Berlim, autor, entre outros, do livro *Cigarros na cama* (Berinjela/Modo de Usar & Co.) e de *Dói-me um anjo no olho* (Editora Cesárea). **Yasmin Taketani**, jornalista.

CARTA DO EDITOR

Nunca se leu tanto Hilda Hilst como hoje. Pouco mais de 10 anos após sua morte, a escritora que tanto se queixou de nunca ter tido uma penetração justa no mercado editorial ressurgiu no cenário literário como uma fênix. Além de endossada pela crítica, ela é, quem diria, popular e, mais do que isso, um tanto pop também. A edição deste mês visita o local onde Hilda criou quase toda sua obra, a Casa do Sol, uma construção entre o eclesiástico e o mundano, fincada em um terreno numa área rural em Campinas, São Paulo, onde a especulação imobiliária já manifesta suas intenções. É a partir dos caminhos percorridos entre as árvores de fora e os recintos de dentro que tentamos reler a escritora à luz desse momento de novas edições programadas com sua obra, filmes agendados sobre ela, e uma exposição que tomou o piso térreo do Itaú Cultural, em São Paulo, que agora estabelece parcerias com o Instituto Hilda Hilst, administrado pelo neto afetivo e eletivo de Hilda, Daniel Fuentes, com quem a repórter Carol Almeida teve uma

longa conversa e, a partir dela, resolveu tentar um contato direto, via carta, com a própria Hilda. De afetos também nos alimentamos quando escolhemos um trecho do romance do escritor chileno Pedro Lemebel, falecido em janeiro deste ano. Chamado pelo compatriota Roberto Bolaño como “o maior poeta de sua geração”, Lemebel, cuja obra é perfurantemente política, só foi editado no Brasil pela editora pernambucana Cesárea. Na entrevista do mês, o escritor Antonio Carlos Viana fala sobre seu novo livro de contos, *Jeito de matar lagartas*, e sua relação com personagens marginais. A edição traz ainda um texto inédito de Ricardo Domeneck e da música/ativista/atriz e agora escritora baiana/pernambucana Karina Buhr, que lança este mês seu primeiro livro, *Desperdiçando rima*, pela editora Rocco. Fechamos com uma crônica marinada no álcool da escritora Márcia Denser.

Excelente leitura a todas e todos, e até o mês que vem.

PERNAMBUCO

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
Governador
Paulo Henrique Saraiva Câmara

Vice-governador
Raul Henry

Secretário da Casa Civil
Antonio Carlos Figueira

COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO – CEPE
Presidente
Ricardo Leitão
Diretor de Produção e Edição
Ricardo Melo
Diretor Administrativo e Financeiro
Bráulio Meneses

CONSELHO EDITORIAL
Everardo Norões (presidente)
Lourival Holanda
Nelly Medeiros de Carvalho
Pedro Américo de Farias
Tarcísio Pereira

SUPERINTENDENTE DE EDIÇÃO
Adriana Dória Matos

SUPERINTENDENTE DE CRIAÇÃO
Luiz Arrais

EDIÇÃO
Schneider Carpeggiani e Carol Almeida

REDAÇÃO
Dudley Barbosa (revisão), Marco Polo, Mariza Pontes e Raimundo Carrero (colunistas), Fernando Athayde, Laís Araújo e Priscilla Campos (estagiários)

ARTE
Janio Santos e Karina Freitas (diagramação e ilustração)
Agelson Soares e Pedro Ferraz (tratamento de imagem)

PRODUÇÃO GRÁFICA
Eliseu Souza, Joselma Firmino, Júlio Gonçalves e Sóstenes Fernandes

MARKETING E PUBLICIDADE
Daniela Brayner, Rafael Lins e Rosana Galvão

COMERCIAL E CIRCULAÇÃO
Gilberto Silva



PERNAMBUCO é uma publicação da Companhia Editora de Pernambuco – CEPE
Rua Coelho Leite, 530 – Santo Amaro – Recife
CEP: 50100-140
Contatos com a Redação
3183.2787 | redacao@suplementope.com.br

O suplemento
PERNAMBUCO
e a revista
CONTINENTE
num pacote só!

O suplemento cultural **Pernambuco** agora é parte integrante do plano de assinatura da revista **Continente**, que, nas vendas avulsas em bancas e livrarias, também terá o suplemento encartado

Assine:
0800 081 1201

Maiores informações no:
www.suplementopernambuco.com.br
www.revistacontinente.com.br



BASTIDORES

A mesma luta, o mesmo solo e o mesmo homem

O clássico de Euclides da Cunha ilumina e lança sombras em livro de poemas que constrói uma geografia possível e toda pessoal

ARTE SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



Socorro Nunes

A escrita de *Miragem* surge de forma absolutamente inesperada. Ao reler *Os Sertões*, fui contagiada pela poética de Euclides ao descrever a morfologia dos sertões e a luta dos titãs contra seus algozes. Minhas retinas capturavam um sertão complexo e intenso, humano e desumano, agro e misterioso, solitário e florido, febril e coberto por um céu de extremidades azuis. O que vi e vivi nessa leitura em nada se aproxima da experiência da primeira, da minha juventude. O que me fez pensar: o leitor reconstrói o texto cada vez que o lê, numa prática dialógica, nos ensinam Bakhtin e Paulo Freire.

O Sertão impávido de Euclides corre nas minhas veias desde sempre, nasci nele. Vivi minha infância experimentando a aridez do solo, a luta cotidiana dos que trilham as veredas da caatinga garranchenta e cinza do Araripe, o gosto cítrico do umbu, o prazer de tomar banho de chuva, tão esperada e celebrada nas ruas da minha infância; de repente, o Sertão alagava-se e o leito abraseado revestia-se de uma flora viva, revivente: a alegria tem a cor da flor do mandacaru e o verde da caatinga.

A poesia de Euclides salta aos olhos numa contundente e densa descrição da imbricada relação entre a terra, o homem e a luta. Marca a ferro e fogo a alma do leitor. A minha alma de sertaneja. O solo, o sertanejo e a luta pela sobrevivência, expressos na descrição etnográfica da guerra de Canudos, servem como metáfora para a luta que travamos cotidianamente por uma sociedade mais justa e igualitária. Aprendamos com a força dos titãs desassombrados de Euclides a enfrentar a exclusão social e cultural produzida por nossos opressores. Aprendamos com eles a enfrentar as intermitências da vida. Essa luta é mais que uma batalha de fé.

O titã d’*Os Sertões* é a certeza de que enfrentamos nossos opressores com a mesma determinação quando decidimos viver noutras paragens, cultural e linguisticamente diversas. Vivi os Sertões de Minas, das Gerais. Uma paragem de quase 30 anos. A mesma luta. O mesmo solo. O mesmo homem. A mesma paisagem. O Sertão são vários e ao mesmo tempo um só. O destino de ser-tão-só é o que nos cabe.

O processo de escrita do livro deu-se da forma mais espontânea possível, uma vez que não foi previamente pensado. Logo nas primeiras páginas da releitura d’*Os Sertões* comecei a enxergar “versos” e a encantar-me com as imagens que o texto insinuava. A ligação com minha experiência

de vida era imediata, inevitável. A vegetação com a qual estava tão acostumada apresentava-se ali na forma de poesia; a paisagem que eu guardava desde a infância transfigurava-se a cada página lida. Lembrava-me com clareza dos vaqueiros em seu ofício, tangendo a boiada ao final da tarde, quando o Araripe ainda era uma cidadezinha de cultura predominantemente rural. Das muitas vezes em que acompanhei meus pais no plantio da mandioca e outras culturas. Das marcas do sol e da caatinga num corpo sem proteção. Como bem disse Guimarães Rosa: “*Não há nada mais terrível que uma literatura de papel, pois acredito que a literatura só pode nascer da vida*” (*Ave palavra*,1995:48).

Percebi então a necessidade visceral de anotar trechos, palavras, expressões euclidianas que iam surgindo com a leitura. Mais ainda: o meu desejo era transformar aquelas notas em poemas, estabelecendo links para criar imagens a partir de um “paralelismo fônico e rítmico” (Lourival Holanda). Num bloco de notas do celular anotei e arqueei todas as expressões retiradas das 600 páginas d’*Os Sertões*. A primeira versão dos poemas foi escrita à medida que a leitura avançava. Ainda não havia clareza se deveria ou não transformar esse processo num livro. Num segundo momento, realizei o trabalho de reescrita. 51 poemas. Um livro publicado.

Miragem. Uma das expressões de Euclides, para quem *o Sertão é uma miragem, o sertanejo é antes de tudo um forte e o que resta é apenas a fragilidade da palavra humana*. É com a clareza dessa fragilidade que produzi a releitura d’*Os Sertões*. Na verdade, uma metáfora para a releitura de mim mesma. Após trinta anos em Minas, volto a viver no Nordeste. *Miragem* possibilita-me um reencontro poético e crítico com minha própria história. Fortalece o meu enfrentamento na lida com o imprevisível e o preconceito contra os excluídos. Me dá a possibilidade de enxergar saídas ao perceber que as *trilhas são multívias*; de ter esperança na *flora revivente* (“*quando as nuvens / ficarem grávidas / de um novo tempo / as feridas / hão de cicatrizar-se*”); de não me render, pois *Canudos não se rendeu*.

O LIVRO



Miragem

Editora Cepe

Páginas 69

Preço R\$ 20

FICÇÃO

O rádio a cantar os boleros e as más notícias

Trecho do romance *Tengo miedo torero*, do escritor chileno Pedro Lemebel

Pedro Lemebel (tradução de Alejandra Rojas C.)

Descortinando o véu do passado, flutuava a cor-tina queimada pela janela aberta daquela casa na primavera de 1986. Um ano marcado pelo fogo dos pneus queimados nas ruas de Santiago, oprimida pelo patrulhamento policial. Uma Santiago que vinha acordando com o tinir das panelas e dos relâmpagos do blecaute; com os comunicados em rede nacional, com fios elétricos despencando dos postes e faiscando no asfalto escuro. Logo, então, a escuridão completa, as luzes de um caminhão blindado e o grito – *fica quieto aí seu merda* – os disparos e a correria do terror, como castanholas de metal que trincavam as noites de feltro. Essas noites fúnebres, engalanadas de gritos, do incansável “Já vai cair”, e de tantos, tantos comunicados de última hora sussurrados pelo eco radial do “Diario de Cooperativa”.

Naquele então, a casinha magricela era uma esquina de três andares com apenas uma escada vertebral que conduzia ao sótão. Daí se podia ver a cidade na penumbra, coroada pelo véu nebuloso da pólvora. Era um pombal, apenas um esquelético corre-mão para estender os lençóis, toalhas de mesa e cuecas que has-teavam nas mãos afetadas da bicha louca da frente. Em suas manhãs de janelas abertas, cantarolava o “*Tengo miedo torero, tengo miedo que en la tarde tu risa flote*”. O bairro inteiro sabia que o novo vizinho era assim, a noiva do quarteirão encantada com essa ruínosa construção. Uma borboletinha de sobranceiras franzidas que chegou perguntando se alugavam esse escombros da esquina. Essa bambolina presa somente pelo arrivismo urbano de tempos melhores. Tantos anos fechada, tão cheia de ratos, almas penadas e morcegos que foram desalojados implacavelmente pela Louca, armada de espanador e vassoura, rasgando as teias de aranhas com sua energia de veadinho falsete entoando a *Lucho Gatica*², tossindo o “Bésame mucho” nas nuvens de poeira e cacarecos que empilhava na calçada.

Só lhe faltava um noivo, fofocavam as velhas na calçada da frente, seguindo seus movimentos de beija-flor na janela. Mas é simpático, falavam, ouvindo essas líricas passadas de moda, seguindo com a cabeça o compasso dessa música do passado que acordava o quarteirão inteiro. Essa música afetada e pegajosa que de manhã tirava da cama os maridos que tinham virado a noite, os filhos vagabundos que se enrolavam nos lençóis, os estudantes preguiçosos que não queriam ir à escola. A voz estridente de *Cecilia*³ cantando “Aleluia”, essa cantante da velha guarda era um toque para acordar, um canto de galos ao amanhecer, um alarido musical que a Doida aumentava o volume ao máximo, como se quisesse compartilhar com o mundo inteiro a letra brega que desgrudava do sono todos os vizinhos com aquele “Y...y tu maano to-o-o-mará la mía –a-a-a”.

Assim, a Louca da frente, em pouco tempo, fez parte da zoologia social dessa cafonice santiaguina que coçava as pulgas entre o desemprego e duzentas gramas de açúcar que pediam fiado no armazém. Um boteco de bairro, epicentro das fofocas e comentários sobre a situação política do país: o saldo das últimas manifestações de rua, as declarações da oposição, as ameaças do Ditador, as convocatórias para setembro. Falavam que agora sim, que não passa deste ano, que 1986 era o ano. Que vamos todos para a rua, para o parque, para o cemitério, com sal e limões para resistir às bombas lacrimogêneas e tantos, tantos comunicados da imprensa vociferados pelo rádio permanentemente.

COOPERATIVA ESTÁ CHAMANDO
MANOLA ROBLES INFORMA

Mas a Louca não estava preocupada com a contin-gência política. Só sentia medo ao escutar o rádio que anunciava apenas más notícias. Essa emissora que se ouvia por todo lugar, com canções de protesto e esse chamado de notícias de emergência mantinham a população com a alma por um fio.

Ela preferia sintonizar os programas com músicas do passado: “Ao compasso do coração”, “Para aqueles que um dia foram brotinhos”. “Noites no subúrbio”. E assim passava tardes inteiras bordando essas enormes toalhas de mesa para alguma velha aristocrata que lhe pagava bem o aracnídeo ofício de suas mãos.

Aquela casa primaveral era seu aconchego. Talvez a única coisa amada, o único espaço próprio que a Louca da frente teve em toda sua vida. Por isso esse capricho em decorar seus muros como torta nupcial, enfeitando a beirada do telhado com pássaros, leques, trepadeiras e essas mantas de Manila que penduravam

do piano invisível. Essas franjas, rendas e misturas de tule que embrulhavam as caixas utilizadas como mobília. Essas caixas tão pesadas que aquele moço que conheceu no armazém lhe pediu que guardasse, aquele garoto tão lindo que lhe implorou esse favor, dizendo que eram somente livros, só literatura proibida, disse com essa boca de açucena molhada. Com esse tom de voz tão másculo não pode negar-se e o eco dessa boca continuou ressoando na sua cabecinha de pássara oxigenada. Pois é, para que averiguar mais, ele falou que se chamava Carlos, não lembro do quê, que estudava não sei o quê, em não sei qual universidade e lhe mostrou a carteira de identidade tão rápido que ela nem pôde olhar direito, cativa pelo tom violáceo daqueles olhos.

Ele deixou as três primeiras caixas no corredor, mas ela insistiu em que ali incomodavam, pediu que as colocasse no quarto para usá-las como criado mudo e ter onde colocar o rádio. Se não for muito incômodo porque o rádio é minha única companhia, disse ruborizada com cara de cordeira abandonada, olhando as gotas de suor que lhe enfeitavam a testa. As restantes, as distribuiu no espaço vazio da sua imaginação, como se mobiliasse um set cinematográfico, dizendo: Por aqui, Carlos, frente à janela. Não Carlos, não tão juntas porque parecem féretros. Mais ao centro, Carlos, como mesinhas de canto. Em pé não, Carlos, ficam melhor deitadas ou de lado para separar os ambientes. Mais pra cima Carlos, mais à direita, desculpa, quis dizer à esquerda. Você já está cansado? Descansemos um momento. Você quer um café? Assim, como um zangão zumbando, ia e vinha pela casa envolvido em seu echarpe de plumas falando: Sim, Carlos. Não, Carlos. Talvez, Carlos. Quem sabe, Carlos. Como se a repetição do nome bordasse suas letras no ar arrulhado pelo eco de sua proximidade. Como se o pedal dessa língua afeminada se obstinasse em nomeá-lo, chamando-o, lambendo-o, degustando essas sílabas, mastigando esse nome, enchendo-se inteira com esse Carlos tão profundo, um nome tão amplo como para tornar-se um suspiro, agasalhada entre o C e o A desse Carlos que iluminava com sua presença a casa toda.

Em todo esse tempo foram chegando caixas e mais caixas, cada vez mais pesadas, mas que Carlos carregava com sua musculatura viril. Enquanto a Louca inventava novos móveis para a decoração de fronhas e almofadas que ocultavam o segredo dos sarcófagos. Depois vieram as reuniões à meia noite, ao amanhecer, quando o bairro era uma orquestra de roncões e peidos que trovejavam a Marselhesa do sono a perna solta.

Em pleno aguaceiro, encharcados, chegavam esses amigos de Carlos para se reunirem no sótão. E um deles ficava na esquina, de bobeira, cuidando a rua. Carlos tinha pedido licença, com esses enormes cílios dos seus olhos de lince a meio fechar. São colegas da universidade e não tem onde estudar e tua casa e teu coração são tão grandes. Como negar o pedido se, quando se aproxima, fica encharcada de suor. Além do mais, os garotos que conseguiu ver eram jovens educados e belos. Passavam por amigos mesmo, pensava ela servindo café enquanto retocava o brilho dos seus lábios com a ponta da língua, cantarolando baladas de amor que tocavam no rádio: “*Tu me acostumbraste y por eso me pregunto*” e todas essas frases frívolas que desconcentravam a estratégia pensante dos garotos. Nesse instante, lhe cortavam a inspiração e trocavam a sintonia do rádio que transmitia esse horror de notícias.

COOPERATIVA ESTÁ CHAMANDO: VIOLENTOS INCIDENTES E CONFRONTOS COM A POLICIA SE REGISTRAM NESSE MOMENTO NA ALAMEDA BERNARDO O’HIGGINS⁴.

No decorrer do cáldo ar de agosto a casa estava um brinco. Uma cenografia da *Pergola de las Flores*⁵ improvisada com desperdícios e cacarecos hollywoodianos. Um palácio oriental, com um céu de toldos de sedas e manequins velhos, mas remoçados, como anjos do apocalipse ou centuriões guardiões dessa fantasia de bichinha tulipa. As caixas e caixotes tinham se convertido em confortáveis troncos, poltronas e divãs onde as pouquíssimas amigas bichas que visitavam a casa esticavam seus ossos. Um reduzido grupo de “loucas” que vinham tomar chá e iam embora antes de que chegassem “os homens da senhora”, falavam brincando, insistindo em conhecer esse arsenal de músculos admiradores da dona de casa. Mas ela, nem

ARTE SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



um pouco boba, recolhia as xícaras, tirava as migalhas da toalha e as acompanhava até a porta, dizendo que os meninos não queriam conhecer mais veadinhos.

Assim, as reuniões e o desfile de homens pela casa enfeitada foram cada vez mais insistentes, cada dia mais aflitos subindo e descendo a desfiada escada que ameaçava desabar sob os passos firmes daqueles machos. As vezes nem mesmo Carlos podia subir ao sótão e a distraía para que não visse alguns clandestinos visitantes. Nem ele próprio podia participar dessas reuniões e lhe fechava o passo quando ela, amavelmente curiosa, oferecia café. Nossa, devem estar morrendo de frio lá em cima, falava olhando o rosto insubornável de Carlos. Além do mais, por que não posso subir se esta é minha casa. Então Carlos baixava a guarda e segurando-a pelos braços, lhe cravava aquele olhar de falcão em sua inocência de pomba. São coisas de homens, você sabe que eles não gostam de serem incomodados quando estão estudando. Tem um exame importante, já vão terminar. Olha, é melhor sentarmos, conversemos um pouco.

Carlos era tão bom, tão doce, tão amável. E ela tão apaixonada, tão cativa, tão sonâmbula por todas as longas noites que passava falando com ele até acabarem as reuniões. Longas horas de silêncio espreitando o cansaço de suas pernas esquecidas no cetim rosa das almofadas. Um silêncio de veludo roçava sua face azulada, sem barbear. Um silêncio espesso, cabeceando de cansaço prestes a derrubá-lo. Um silêncio adormecido de plumas, pesando como chumbo em sua cabeça, e ela atenta, ela feita um algodão, com toda delicadeza, ajeitava um travesseiro de espuma para acomodá-lo. Então essa maciez, essa carícia da delicada luva bichinha tentou aproximar-se ao rosto com a intenção de tocá-lo. Então surge o so-

“No vaivém da noite e da ereção de algum bêbado, companheiro de sua dança, sustento do seu destino por algumas horas”

bressalto, o arrepio desse tato elétrico que o acordou, levantando-se de um pulo e procurando alguma coisa urgente no costado do casaco, perguntando, o que houve? O que aconteceu? Nada, você dormiu, quer um cobertor? Quero, sim. Ainda não acabaram? Não me deixe dormir, me fale de sua vida, de suas coisas. Tem mais café?

Assim, separados por bastidores de fumaça, naquele fumar e fumar sugando a vigília, ela tricotava a espera, alinhavava traços de memória, pequenas lembranças fugazes no tom afeminado de sua voz. Retalhos de uma errância prostibular por ruelas sem nome, por ruas sujas arrastando sua entorpecida “Vereda tropical”. Andando ao som da viadagem, no vaivém da noite e da ereção de algum bêbado,

companheiro de sua dança, sustento do seu destino por algumas horas, por algumas moedas, compartilhando esse frio bastardo no gemido de uma transa quente. Da esfregação vadia que cobra da vida lixando com o sexo o azar. Depois, apenas uma cueca engomada, uma meia esquecida, uma garrafa vazia, sem mensagem, sem rumo, nem ilha, nem tesouro, nem mapa onde ancorar seu coração de andorinha. Seu encrespado coração de menino-colibri, órfão de mãe desde criança. Seu nervoso coração de esquilinho assustado com o grito paterno, com a chicotada em suas nádegas marcadas pelo cinto reformador. Ele falava que tinha que me fazer homem, que por isso me batia. Que não queria que o envergonhasse, muito menos brigar com seus amigos do sindicato que lhe gritavam que eu tinha saído falhado. Justo ele, tão macho, tão malandro com as mulheres, ele que tinha tanta ginga com as putas, tão bêbado aquela vez manuseando-me. Tão ardente seu corpo de elefante em cima do meu, espetando-me, sufocando-me na penumbra daquele quarto, desesperado batendo asas como pintinho espetado, como filhote de passarinho despenado, sem corpo, nem coragem para resistir o impacto de seu nervo duro enraizando-me. E logo mais, o mesmo dissabor, a mesma meia esquecida, o mesmo lençol pingado de pétalas vermelhas, a mesma ardência, a mesma garrafa vazia com seu S.O.S. naufragando na água cor de rosa da pia.

- 1 Jargão popular entoado pelo povo pedindo a saída do ditador Augusto Pinochet.
- 2 Cantante popular chileno da década de 50.
- 3 Cantante popular pertencente à velha guarda chilena.
- 4 Rua que atravessa a cidade de Santiago.
- 5 Referência a uma famosa comedia musical chilena.

ENTREVISTA
Antonio Carlos Viana

Sobre vocação: “O papel do escritor é o de despistar”

Seis anos após o elogiado *Cine privé*, o autor retorna com um novo livro de contos e fala da sua proximidade com personagens marginais e a mudança na sua cosmogonia

FOTO: PAULO HENRIQUES BRITTO



Entrevista a **Yasmin Taketani**

Jeito de matar lagartas (Companhia das Letras), de Antonio Carlos Viana, surge quase seis anos após seu *Cine privé* (Prêmio APCA) – e quando o contista se diz outra pessoa. Suas histórias ainda falam de tipos à margem da sociedade, para os quais não há piedade; a linguagem permanece certa e parece se desenvolver sem esforço; Viana segue, claro, atento à construção de conflitos e à atmosfera do livro. A mudança no autor aracajuano se dá em outro plano.

Em outubro do ano passado, aos 70 anos, Viana foi diagnosticado com mieloma, um tipo de câncer de medula. Depois de qua-

se “deixar este mundo”, como diz, ele deu início à quimioterapia, ao mesmo tempo em que trabalhava nas provas do novo livro. “Acho que a expectativa de vê-lo publicado me ajudou muito a querer ficar melhor para poder curtir mais uma cria”, diz o escritor nesta conversa via e-mail. “Nesse sentido, a literatura me ajudou a querer continuar vivo.”

Viana, que segue fazendo quimioterapia, se diz bem. Diante da experiência, acredita ter melhorado até sua visão de mundo. “Eu era muito depressivo e pessimista”, lembra. “Descobri que não vale a pena ser assim.” Na entrevista a seguir, ele fala sobre a relação entre literatura e realidade, o papel do escritor, o domínio sobre a emoção e o gênero do qual é mestre.

Suas personagens são solitárias, decadentes, pobres ou ricas demais, religiosas ou blasfemas, desafortunadas – por mais cativantes que nos pareçam. O que o atrai a esses tipos?

Não creio que o escritor escolha suas personagens para defender determinado ponto de vista. No meu caso, elas surgem de repente, sem nada premeditado. Nunca me sentei para escrever um conto pensando assim: hoje vou colocar uma personagem f... da vida. O conto surge de uma palavra, de uma frase, e é o movimento dessa palavra, dessa frase, que vai fazer surgir aquela personagem e aquele espaço. O passo seguinte é deixar que o conflito venha à tona. Não posso dizer que me sinta atraído por aqueles tipos que habitam minha ficção. Não existe essa relação. Eles se fazem por si mesmos, trazem toda uma carga semântica que cabe a mim desenvolver a partir de um nada. Me lembro perfeitamente de como nasceu o conto “Cine privé”. Eu ia caminhando pela Avenida São João, em São Paulo, e vi aqueles cinemas pornôs com suas cabines privativas. Aí me veio a frase (estou citando de cabeça): “Tem certas horas que seu Manuel acha que nasceu para limpar toda a sujeira do mundo”. A frase era tão boa que o resto da história se fez por si só. Aí o tema foi se desenrolando, apareceram a mulher dele, a filha, os travestis, o teatro de sexo explícito, a vida miserável de seu Manuel. O que me atrai numa personagem é antes de tudo a riqueza que ela traz para ser explorada ao máximo. Nem sempre a personagem traz essa riqueza e o conto simplesmente não deslancha.

E quanto às suas próprias questões pessoais, como entram na sua literatura?

As questões pessoais nunca entram nem devem entrar diretamente na literatura, senão o conto, romance, poesia, ou seja lá o que for, vira autobiografia. Elas entram sorrateiramente, disfarçadas, é para isso que existe a ficção. O papel do escritor é despistar. Muitas vezes o leitor pensa que aquilo realmente aconteceu, mas não aconteceu. Há outras coisas que realmente aconteceram e aparecem ali com uma roupagem própria

“ Não vejo a religião como conforto, ela é apenas uma pedra a mais no nosso caminho, que leva antes a uma nova queda

“ Não creio que a forma de narrar mude nossa visão de mundo, nossa relação com as questões e situações reais

e o leitor passa por cima, nem percebe que fizeram parte da vida do autor. Muito das nossas experiências servem como pano de fundo para as histórias, mas não a experiência em si.

O senhor possui formação acadêmica em literatura, e baseia sua escrita na racionalidade, na técnica e na exatidão da linguagem. Por que moldou sua literatura dessa forma?
Desde que comecei a escrever sempre coloquei a forma acima do conteúdo (essa dicotomia será sempre discutível). Acho que foi fruto de meus estudos de teoria literária. Antes de começar a escrever meus primeiros contos, eu já tinha lido muito os teóricos da literatura e feito análises a partir dessas teorias. Nunca fui um estudante de dar valor a um livro pela “mensagem”, e sim pela forma como ele traz essa “mensagem”, digamos assim. Em certos momentos, se não tomarmos cuidado, a teoria termina sufocando a criação. E isso aconteceu comigo uma certa época. O resultado foi ficar sem escrever durante um bom tempo. Foi preciso trabalhar minha desvinculação das teorias para deixar que as histórias se fizessem por si mesmas. Ninguém consegue escrever criticando cada linha que escreve. Isso vira tortura. Só me senti mais dono do terreno quando abandonei o crítico que havia em mim e deixei que o ficcionista viesse à tona para dizer o que bem quisesse. Claro que em determinado momento, quando vamos trabalhar melhor o texto para entregá-lo à editora, esse

crítico ressuscita, mas não pode ficar brigando o tempo todo com o ficcionista. A busca da exatidão da palavra vem dessa minha formação e da leitura dos grandes autores que não se deixam levar pela emoção.

Assim como a temática, a forma narrativa parece se manter ao longo do livro. O que espera atingir quando começa a escrever um novo conto? A experimentação e a mudança não lhe interessam?
Uma das coisas que mais prezo num livro de contos é a sua unidade, seja ela narrativa ou temática. Se o autor ficar mudando de estilo e de forma a todo instante, o leitor fica desorientado. Quando estruturei meus livros, muitas vezes abandono boas histórias porque elas destoam das outras. Procuro criar um universo em que o leitor mergulhe e ao final da leitura tenha uma visão unitária do conjunto. Ele precisa dizer para si mesmo: “que livro sufocante”, ou “que livro engraçado”. O que não pode acontecer é ele dizer “o que foi mesmo que acabei de ler?” O autor quer ser sério ou cômico? Se eu fosse fazer experimentação não seria só em um conto ou dois. Essa linha teria de nortear todo o livro. Pode ser que isso aconteça um dia, fazer um livro experimental.

Seus contos não julgam os personagens, nem é objetivo principal criticar suas realidades (pobreza, abandono), frequentemente tratadas com humor. Que tipo de reação o senhor espera que os leitores tenham frente a essas situações?

Como escrever sobre isso muda sua relação com essas questões e situações reais?
Nenhum escritor pode julgar suas personagens, senão fica uma coisa meio cabotina, como se ele tivesse toda a verdade do mundo em suas mãos. E é muito fácil a gente incidir nesse erro, pois basta uma palavrinha a mais ou a menos para o autor aparecer com seus julgamentos. Daí ser muito difícil a arte de escrever. Na vida real, estamos sempre julgando os outros, o que também não é bom. Afinal, a vida não pode se transformar num tribunal, muito menos a ficção. Daí o trabalho incansável com a palavra, estar sempre atento ao que se colocou no papel. O papel do escritor é apenas mostrar, o leitor que tire suas conclusões a partir do material que tem em mãos. Claro que a gente escolhe um ângulo para contar aquela história, mas esse ângulo tem de se aproximar o máximo do grau zero da escritura, lembrando o grande Roland Barthes. Não creio que a forma de narrar mude nossa visão de mundo, nossa relação com as questões e situações reais. O olhar, quanto mais neutro (o que é difícil) melhor.

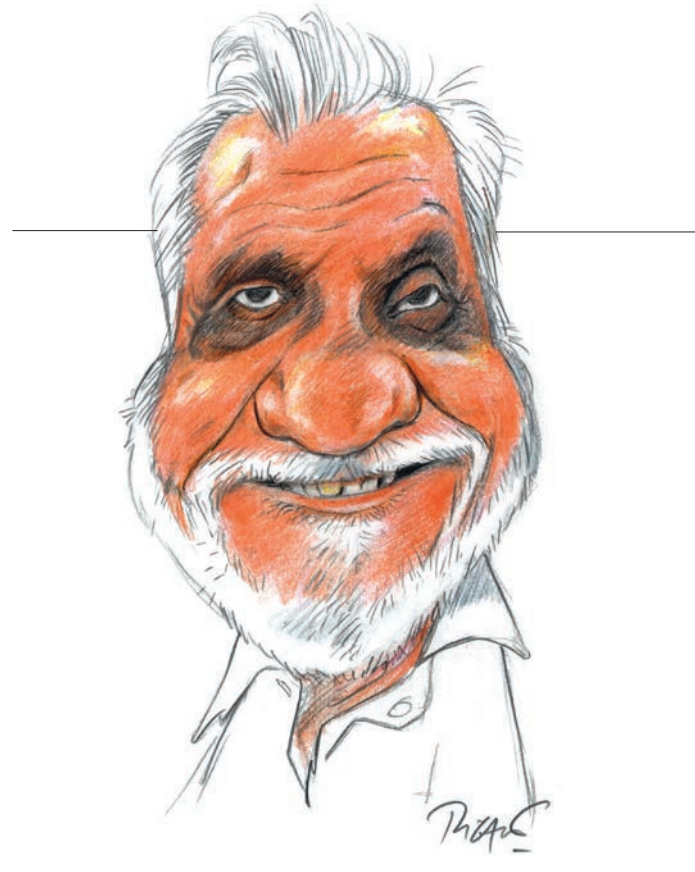
Boa parte das personagens do livro é religiosa. Sem a religião, acha que elas estariam mais infelizes (ou menos felizes)? E quanto ao senhor, o que lhe consola e dá forças?
A religião não chega a ser um tema na minha pequena obra. Ela entra sempre como contraponto a um mundo por demais profano, criando aquilo que é essencial a um conto: o conflito. Não se trata de personagens religiosas,

mas danadas pelo corpo exigente, por uma culpa, por uma frustração amorosa. Há um momento em que o sagrado e o profano se mesclam tornando ainda mais agudo o conflito em que elas chafurdam e do qual não conseguem sair (“Missa de sétimo dia” é um exemplo disso). Não vejo a religião como conforto, ela é apenas uma pedra a mais no nosso caminho, que leva antes a uma nova queda que à salvação. O que me dá forças (tenho descoberto isso após ter sido diagnosticado com um mieloma), o que me consola vem muito mais da minha relação com a força de criar que ainda não morreu em mim que de qualquer outra coisa.

O senhor já argumentou que a literatura não muda a realidade, mas é capaz de mudar indivíduos. De que forma os livros o transformaram?
É que o ato de leitura, assim como o da escrita, é um ato muito solitário. Você pode até partilhar depois o que leu com alguém, mas a experiência da leitura você não passa. Pensar que a literatura pode mudar a realidade é apenas o desejo de algum escritor ingênuo ou muito vaidoso de sua arte, a ponto de vê-la como capaz de alterar o mundo. Seria ótimo se fosse assim. Escreveríamos um livro mostrando a injustiça da sociedade e em algum tempo essas injustiças estariam sanadas. A arte, em geral, pode alterar nossa visão de mundo particular, fazendo-nos compreender melhor o que nos cerca. Me lembro dos primeiros livros que li e como eles me transformaram porque fui tocado pela forma

como os autores os construíram. Desde então meu olhar foi se conformando ao olhar desses autores porque era aquilo que eu estava procurando. Para um livro nos transformar é preciso que estejamos ansiando por aquela transformação.

Quando lançou *Cine privé* (2009), cujos personagens estavam sempre à margem da sociedade, o senhor dizia escrever sobre o que conhecia. Pode-se dizer que agora está conhecendo a velhice (a qual, junto à infância, é um núcleo importante no novo livro)? O que está achando dela?
Valéry já dizia que o escritor sempre fala de si mesmo quando está falando do outro. A ficção é uma forma de disfarçar o que somos, o que vivemos. Jogamos a responsabilidade para as personagens, mas no fundo elas são o autor porque expressam um olhar particular do real. Como vim de uma família pobre, conheço bem a pobreza e posso falar melhor dela do que quem não a viveu. Falar da riqueza, até posso, mas não vai sair tão verdadeiro quanto quando falo da pobreza. Agora falo da velhice que, queiramos ou não, está aí na nossa frente, na nossa cara. A velhice é uma fase de perdas: perda da vitalidade, da saúde, dos amigos. Tudo é perda. Não adianta edulcorá-la como a melhor idade. Não é. Nem sei se há melhor idade, pois todas as idades são problemáticas. Há algo mais angustiante do que a infância, quando nos sentimos tão impotentes diante da realidade que gostaríamos de ajustá-la a nossos desejos?



Raimundo CARRERO

Um dia de mormaço pela C. da Boa Vista

João Paulo Parisio acerta ao
erguer um discurso político
e social em seu romance

Para alcançar o equilíbrio entre a realização artística e o conteúdo social para o qual é solicitado, é necessário que o escritor tenha plena consciência dos seus deveres para com a estética e para com a realidade pela qual está envolvido. Sem isso a obra corre o risco de se exilar no Paraíso Perdido da Beleza, ausentando-se do coração selvagem da vida, no dizer de Joyce e Clarice Lispector, ou sucumbir no meramente panfletário, no discurso político entre pobres e ricos, entre derrotados e vitoriosos que a História já registra e confirma, com grande vantagem.

Esta, parece-me, é a grande batalha que o estreante João Paulo Parisio – *Legião anônima*, Cepe Editora, 2014 – enfrenta e vence, com grande qualidade. Até porque é compreensível, e bastante compreensível, que um jovem escritor se deixe arrebatado pelo drama social, como se verifica em boa parte do seu ótimo livro, reduzindo sua matéria artística ao mero questionamento sócio-antropológico. A matéria-prima de um escritor é, sem dúvida, a sociedade e suas injustiças, mas a realização artística se dá através dos caminhos estéticos, éticos, intuitivos e técnicos.

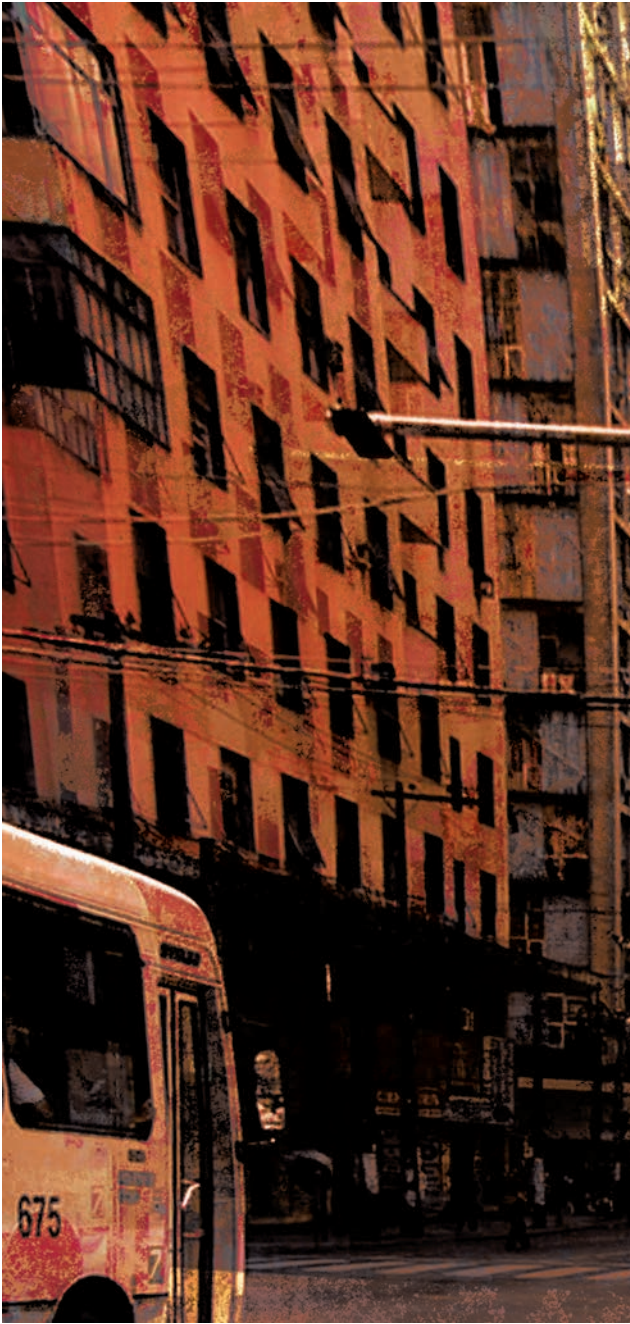
Foi que realizou muito ou muitíssimo bem o russo Górkí ao escrever *Mãe*, o grande romance do regime socialista. Ele próprio destaca que sua universidade literária, de onde retirou os temas e assuntos que resultaram no seu trabalho revolucionário, é a vida, com suas belezas e contradições, com doçuras e amargas lições. Mesmo assim o artista precisa sempre investigar os elementos internos da obra para realizá-la integralmente. E que elementos internos são estes? Os personagens, o texto, as cenas, os cenários, os diálogos, ou seja, tudo aquilo que existe na intimidade da obra para que se realize com plenitude, de forma a seduzir o leitor pela Beleza – objeto definitivo de toda obra de arte – assim como o pintor é capaz de seduzir pelos elementos da pintura, a começar, é claro, pela cor ou pelas cores.

Na abertura de *Legião anônima*, João Paulo revela logo esta preocupação com as dores do mundo, trazendo para as páginas iniciais um problema social do corpo que cai na rua da cidade combatido pela fome e pelo esquecimento. Resvala pelo discurso político, mas imediatamente assume o compromisso estético, com frases que se desdobram e que destacam a intimidade do texto, a necessidade de questionar as sensações humanas para ressaltar o poético à flor da pele, a vertigem do dia em desmaio. Basta ler, agora, estas primeiras palavras:

“Quando em plena Conde da Boa Vista, em meio à visão purgatorial que constituía, emparedada por edifícios antiquados e soturnos, aquele homem sem nada de extraordinário começou a passar mal, as pessoas não se interessaram”.

O desdobramento das frases começa por situar o personagem na paisagem recifense ou numa Conde da Boa Vista cheia de “edifícios antiquados e soturnos” “em meio à visão purgatorial”, o que

ARTE SOBRE FOTO DE DIVULGAÇÃO



humaniza a paisagem integrando aí perfeitamente o personagem que, afinal, não tem nada de extraordinário. O que significa dizer que ele tem, sim, muito de extraordinário, porque se apaga na avenida com “edifícios antiquados e soturnos”.

Um discurso artístico-político-social envolvente e sedutor, que qualifica o personagem não pelo adjetivo, mas pela atmosfera da cidade, como veremos mais adiante.

“Um dia de mormaço numa cidade tropical e litorânea, mas situada em grande parte abaixo do nível do mar, mas quase toda construída sobre paus e mangues aterrados, volta e meia tem esse

Marco
Polo

MERCADO
EDITORIAL

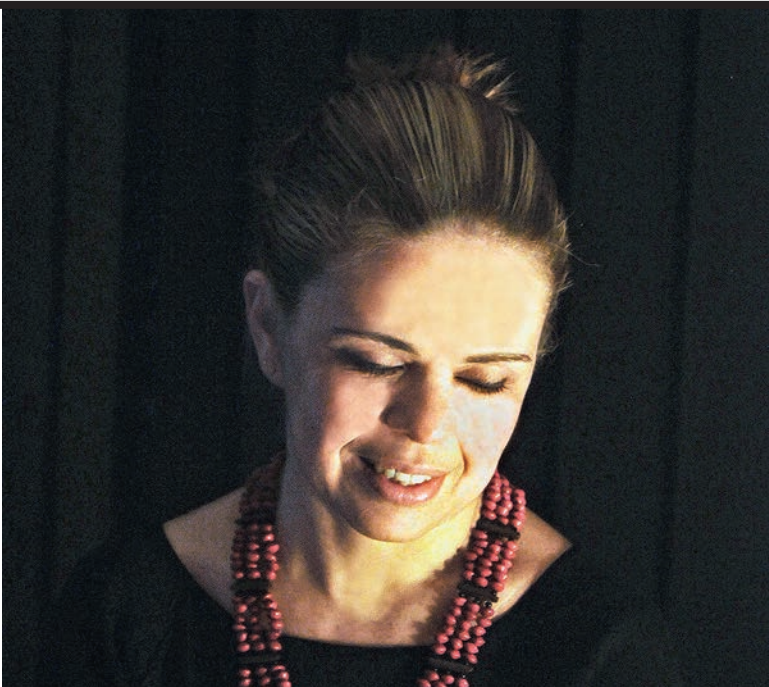
CIDADANIA

Livro *Capibaribe vivo* reúne escritores consagrados e estreantes em torno do movimento de revitalização do rio

Dois movimentos populares têm afirmado a consciência de cidadania do recifense. O primeiro é o Ocupe Estelita, no qual a sociedade reivindica seu direito de participar das discussões sobre a implantação de projetos arquitetônicos que mexam com a cidade. O segundo é o Parque Capibaribe, coordenado pela Prefeitura do Recife e pela UFPE, visando revitalizar o rio que corta a

cidade. O primeiro tem recebido apoio espontâneo de artistas de todas as áreas. O segundo tem no livro *Capibaribe vivo*, publicado com apoio da Companhia Editora de Pernambuco e organizado pela poetisa Jussara Salazar (foto), a presença de 35 escritores discutindo a situação do rio. Estão lá tanto nomes consagrados quanto estreantes como Manuela Salazar e Francisco Pedrosa.

FOTO: DIVULGAÇÃO





efeito sobre alguém num ajuntamento de gente como era sempre o caso ali.” Assim, este conto de abertura, “A boa ação”, é, sem dúvida, representativo deste livro de autor jovem, para quem Lourival Holanda já vem chamando a atenção. E que merece todo o cuidado de quem se inicia nas letras com a vitalidade de um veterano. Com a vantagem de não repetir os erros dos consagrados, revelando as próprias qualidades, e já enriquecendo a literatura pernambucana que já está reclamando sangue novo ficcional, mesmo com uma geração inteira escrevendo, publicando e sendo reconhecida no Brasil e nas inúmeras traduções.

Assim, João Paulo Parisio é o continuador da ficção pernambucana que se renova e se enriquece a cada instante.

O LIVRO



Legião anônima
Editora Cepe
Páginas 124
Preço R\$ 25

OPORTUNIDADE

A editora Patuá, de São Paulo, abre as portas para estreantes

Com a intenção de incentivar novos autores que não têm espaço nas grandes editoras nem querem pagar pela publicação de seus trabalhos, a Editora Patuá está abrindo suas portas para estreantes nas áreas de romance, contos, crônicas e poesia. Dirigida pelo poeta e produtor cultural Eduardo Lacerda, a editora fica em São Paulo e atua desde 2011. Contatos pelo e-mail editorapatua@gmail.com.

CONCURSO

Cepe abre concurso que premiará com R\$ 10.000,00 melhor logomarca para os 100 Anos da Imprensa Oficial

Estão abertas até o dia 30 de abril as inscrições do concurso para a criação da logomarca dos 100 Anos da Imprensa Oficial de Pernambuco, promovido pela Companhia Editora de Pernambuco, Cepe. Aberto a brasileiros ou naturalizados maiores de 18 anos (menores concorrem com autorização dos responsáveis), o concurso dará ao vencedor o prêmio de R\$ 10.000,00 (dez mil reais).

O resultado será divulgado no dia 15 de maio. Informações e inscrições pelo site www.cepe.com.br/index.php/100-anos.html. A Imprensa Oficial de Pernambuco foi instituída em 27 de dezembro de 1915 pelo governador Manoel Borba, passando a se chamar Diário Oficial – Estado de Pernambuco em 1944, atualmente editado pela Companhia Editora de Pernambuco, criada em 1967.

A Cepe – Companhia Editora de Pernambuco informa:

CRITÉRIOS PARA RECEBIMENTO E APRECIAÇÃO DE ORIGINAIS PELO CONSELHO EDITORIAL

- I** Os originais de livros submetidos à Cepe, exceto aqueles que a Diretoria considera projetos da própria Editora, são analisados pelo Conselho Editorial, que delibera a partir dos seguintes critérios:
1. Contribuição relevante à cultura.
 2. Sintonia com a linha editorial da Cepe, que privilegia:
 - a) A edição de obras inéditas, escritas ou traduzidas em português, com relevância cultural nos vários campos do conhecimento, suscetíveis de serem apreciadas pelo leitor e que preencham os seguintes requisitos: originalidade, correção, coerência e criatividade;
 - b) A reedição de obras de qualquer gênero da criação artística ou área do conhecimento científico, consideradas fundamentais para o patrimônio cultural;
 3. O Conselho não acolhe teses ou dissertações sem as modificações necessárias à edição e que contemplem a ampliação do universo de leitores, visando a democratização do conhecimento.
- II** Atendidos tais critérios, o Conselho emitirá parecer sobre o projeto analisado, que será comunicado ao proponente, cabendo à diretoria da Cepe decidir sobre a publicação.
- III** Os textos devem ser entregues em duas vias, em papel A4, conforme a nova ortografia, devidamente revisados, em fonte Times New Roman, tamanho 12, páginas numeradas, espaço de uma linha e meia, sem rasuras e contendo, quando for o caso, índices e bibliografias apresentados conforme as normas técnicas em vigor. A Cepe não se responsabiliza por eventuais trabalhos de copidesque.
- IV** Serão rejeitados originais que atentem contra a Declaração dos Direitos Humanos e fomentem a violência e as diversas formas de preconceito.
- V** Os originais devem ser encaminhados à Presidência da Cepe, para o endereço indicado a seguir, sob registro de correio ou protocolo, acompanhados de correspondência do autor, na qual informará seu currículo resumido e endereço para contato.
- VI** Os originais apresentados para análise não serão devolvidos.

Companhia Editora de Pernambuco
Presidência (originais para análise)
Rua Coelho Leite, 530 Santo Amaro
CEP 50100-140
Recife – Pernambuco



Secretaria da Casa Civil



Governo do Estado de Pernambuco

CAPA

Estimada Senhora H,





A Casa do Sol faz 50 anos e Hilda Hilst parece ainda viver lá

Texto: Carol Almeida / Fotos: Pio Figueiroa

Sim, estimada, namorada, adorada, lida por olhos imberbes, que tentam ansiosamente lhe decifrar no tempo em que deveria ter vivido, ainda que esteja e seja transcendente nele, no tempo do agora. Você está dentro do que eles veem, existe sibilante nesses novos leitores. É isso que acontece mais de dez anos após a morte de sua matéria corpo, e venho por meio desta relatar que não somente é lida, relida e descoberta – removeram de você o manto do inacessível – como estão cuidando bem das “folhas pisadas de palavras” que deixasse pelo caminho. Sobre elas, pisam agora, e o fazem animadamente, Balalaika, Thor, Bolinha, Gigi, Lili, Leo, Lupi, Rufus, Camelito e Bolívia, a Bobo. Estavam quase todos imundos nesse dia, alguns voltando de uma chafurdada no riacho de um terreno vizinho. Ninguém sabe ainda como conseguem fugir, mas é fato que sempre latem para voltar, insuspeitos de culpa.

Foi, portanto, dia de banho coletivo nos cães. Renata* ia ajudar na tarefa. É ela quem cuida agora de toda a limpeza da casa, “obsessivamente” – palavra carinhosa do Daniel* – faxinando tudo pela frente. Graças a ela, a cozinha está aquele primor, cheiro de café em cafeteira italiana. Preocupação mesmo só com os cupins que vão e voltam. Nesse momento, os diligentes insetos tentam novamente argumentar usucapião sobre os móveis da casa. E mais uma vez, dado o esforço contínuo de Daniel e Olga*, a previsão é de que dentro de algumas semanas toda a madeira esteja livre da praga.

Permanece um tanto escura a sua Casa do Sol, no conforto das sombras obscenas que circulam no, este sim, solar e lúcido pátio central. Olga me conta que a arquitetura do lugar, que completa 50 anos agora, é inspirada nos mosteiros descritos no *Relatório ao Greco*, de Níkos Kazantzákis. Ela só tem palavras grandiosas pra você. “Tudo que Hilda escreve é muito próximo do que sentimos todos. Só os grandes escritores conseguem isso.” Você, a grande escritora que tanto sabia ser, mas que tanto demorou a ser sabida pelos outros. Experimentou sim, ainda que muitas vezes tardiamente, as reverências e condecorações da crítica. Mas foi somente perto da morte que pôde brindar ao tão esperado agrado de ter sua obra completa adquirida por uma grande editora. O derradeiro acesso à massa de leitores.

CAPA



Mas estamos em abril de 2015 e você, Hilda, é um sucesso editorial. Como diria Olga: “Os leitores já não têm mais medo”. Nas redes sociais, que é como as pessoas se comunicam hoje sem precisar de qualquer contato presencial (você não teria paciência), sua popularidade só sucede à de Clarice e Caio. Avise a ele disso. Aliás, melhor não, transformaram tudo dele (e de Clarice também) em frases escritas em itálico, fundo cor de rosa, compartilhadas como mensagens de autoajuda, o horror. Você, no entanto, carrega ainda o fascínio do inatingível. E eis então que toda aquela “vitimologia” que soube construir “com esmero, acuidade, pertinácia ao longo da vida, vai fenecendo como lebre arredia, famélica e assustada”. As missivas lhe chamando de “louca, velha lunática, pinguça, porca” deram lugar a cânticos de louvor pelo mistério quase bíblico de sua obra, expostos agora em uma geração de leitores que, lunática ela própria (e talvez menos cínica), parece te entender melhor. Será? Temo, por um lado, que estejam te lendo distraidamente, primeiro porque vivemos um momento de negligência do esforço de pensar, nosso déficit de atenção está se tornando uma questão de saúde pública. E segundo porque você se sabe de difícil penetração, disposta a se entregar somente para leituras já lubrificadas pela autoconsciência. Por outro lado, a baleia há de aparecer. Explico:

Um professor que tive nos indicou um texto de Weber e resolveu fazer uma parábola quase infantil para estimular a leitura. E falou que lemos textos difíceis como aqueles cientistas catalogando quantas vezes a baleia aparece no oceano. Ela pode passar muito tempo sumida, mas pode também surgir várias vezes na mesma página, digo, na mesma hora. A baleia, esse animal gigante e desajeitado, como metonímia da cognição. Entender é grande. E desajeitado. Pois então, se por acaso ou o caso, os jovens leitores de hoje te leem por ansiedade,

sem paciência para esperar o rabo do mamífero marinho romper o mar, em algum momento lá adiante, eles terão a memória de ter visto algo no canto do olho, e te lerão novamente, e mais uma vez. Glória nas alturas.

Conjecturas de lado, por enquanto, tudo que se pode afirmar é: chamam por teu nome. Mais na prosa e na poesia, menos no teatro, onde suas peças ainda carecem ser melhor aproveitadas. Há, de qualquer forma, livros novos previstos no caminho, até filmes. As cartas trocadas com o pai de Daniel serão em breve publicadas pela editora Globo. Hilda e Mora Fuentes* em foco. Quem as achou foi o próprio Daniel, durante um trabalho de pesquisa para a exposição que entrou em cartaz no Itaú Cultural. Você tem, veja só, a chancela e o patrocínio dos grandes capitalistas, os banqueiros. Na mostra do Itaú, leitores de todas as idades param, olham suas cartas, suas fotos, escutam sua voz clamando para que as pessoas se esforcem pelo conhecimento, pela beleza do conhecimento. Há quem folheie os livros e observe, claro, uma predileção pelos textos pornográficos, *O caderno rosa de Lori Lamby* lido avidamente. Você, que agora é *pornô chic* (tão chique que é chic anglo-saxão mesmo), sabe das perversões que nos alimentam.

A mostra se chama *Ocupação Hilda Hilst*. Te ocupam, senhora H. Te habitam, te haurem, te harmonizam com vinho tinto. “Josete entendia de vinhos como se tivesse nascido embaixo duma parreira de Avignon”. Hoje é você quem coleciona Josetes, especialistas e fãs. Já se imaginou com fãs? Daniel me fala que, de 2013 pra 2014, as vendas de seus livros aumentaram a nada modesta porcentagem de 100%. E de 2014 para o começo de 2015, mais 70%. No entanto, não há motivos para desassossego: continua a ser maldita, mesmo que uma maldita amansada à luz do desejo de compreensão. E não era isso, enfim, o que queria? Algumas





“Continua maldita, mesmo que uma maldita amansada à luz do desejo de compreensão. E não era isso, enfim, o que queria?”

dessas pessoas buscam no seu espaço físico esse entendimento. A Casa do Sol recebe visitas com constância, e há também os chamados “residentes criativos”. Recentemente, uma moça, artista plástica, ficou lá por 30 dias reproduzindo suas experiências em gravar sons do sítio à espera de escutar vozes do incognoscível. Foi um mês inteiro apenas ouvindo, nenhuma palavra dita. O vulto mudo dela, que se chama Luísa Nóbrega, assustava Daniel e Olga, ambos impressionados com a resiliência de seu silêncio voluntário. Teria ela achado tua voz? O que dissesse então? “Será que você não entende que não há respostas?”, Hildinha ecoando no fundo do gravador.

Quanto às quase 300 horas de áudio que você própria gravou incessantemente à procura de uma prova científica da existência extracorpórea, elas estão bem guardadas e servindo hoje como base para um documentário de uma outra moça, cha-

CAPA

mada Gabriela Greeb. Há uma atriz interpretando teu corpo segurando um microfone no ar em busca dessa existência além da matéria. A foto dela saiu no jornal, circulou pelas famigeradas redes sociais. Mas isso não é tudo. Existe ainda o projeto de um filme baseado em *Tu não te moves de ti* e haverá também uma cinebiografia. Pois sim, uma cinebiografia de superprodução global: Walter Carvalho vai dirigir. Tainá Muller, uma jovem atriz aparentemente obcecada por tua obra, adquiriu os direitos para te interpretar. Há quem diga até que o filme pode virar minissérie da Globo, suposições ainda distantes. Hilda Hilst embriagada de fervor melodramático. A dissolução do sujeito, a polifonia, a fúria humana e a perplexidade do existir para leigos. Sem cinismo, há chances de essa brincadeira dar muito certo, de ver centenas ou milhares de pessoas desavisadas se interessando por sua obra e descobrindo novas sintaxes nela. E há chances também de ficar parecido com o dia em que duas senhoras, dessas bem carolas, vizinhas ali do bairro, decidiram entrar na Casa do Sol para assistir a uma peça tua. Saíram de lá catolicamente horrorizadas. Só não se sabe se foram dormir aquela noite mais próximas da agonia que do gozo.

A se falar em sua vizinhança, lamento informar que ela está crescendo nos largos passos da especulação imobiliária. Agora tem guarita com cancela para cancelar a entrada de indivíduos não-autorizados no condomínio. Mas a notícia ruim ainda não é essa. A guarita com o rapaz educado que anota nomes está ali porque no terreno colado ao seu, uma grande placa da Queiroz Galvão prenuncia a construção de 108 casas (108!) geminadas, com aquele pacote piscina, segurança, churrasqueira, crianças amarradas na ilusão de liberdade. Seus novos cachorros, que não cabem em coleiras, observam a limpeza do lote com os focinhos grudados no antigo portão de entrada. Sim, porque esse novo conjunto residencial está sendo construído justo ao lado desse portão, bem ali com vista para o corredor de palmeiras que antes servia de prelúdio à casa. Estão cobrando quase R\$ 800 mil por cada uma das 108 vivendas, isso sem piso ou qualquer acabamento. Os brasileiros estão mais ricos hoje, se supõe. Mas andam se estranhando com novas crises. Nenhuma delas as suas.

Sobre seus próprios dotes acumulados em vida, Daniel anda cuidando muito bem de todos eles. Está fazendo jus aos muitos mimos que desse ao neto afetivo. Caminhando sobre a terra que hoje enterra vários de seus falecidos bonecos do Comandos em Ação, ele me fala de quando você deu a ele de presente de aniversário aqueles R\$ 10 mil que ganhasse de um prêmio literário. Olga me conta que você mimava demais o filho dela. E entenda que deixar de herança para ele seus direitos autorais foi uma decisão acertada. O trabalho que ele faz para manter e crescer as atividades do Instituto Hilda Hilst está se compensando. Fico feliz também de lhe dizer que Mora comprou a parte da casa que era por herança do Rodrigo, seu sobrinho, conseguiu tomar a propriedade e, não que essa fosse uma preocupação sua, liquidou aquela dívida gorda que você havia deixado de IPTU. Seu quarto virou biblioteca. São seus mais de 3,5 mil livros que se deitam onde antes repousavam seus sonhos. Está tudo sendo catalogado, suas anotações revelando fantasmas entre as linhas, entrelinhas. Nesse trabalho, aliás, Daniel anda achando novos rastros seus. Ele fala em, no mínimo, mais um livro de poemas inéditos. “Mas acredito que são dois, na verdade. Com possibilidade de um terceiro livro de prosa”, me conta.

Sugiro que ele publique também o inventário de perguntas que você fez em toda sua literatura, pinçadas e organizadas durante a pesquisa para a exposição do Itaú Cultural. Ele faz uma anotação mental. Quem sabe a editora Globo não se anima. Algumas delas foram dispostas na exposição: “Se eu falasse para a voz do mundo, como falaria?” “E se eu ficasse eterna?” “O que esperais de um Deus?” “E quem é que você conhece que é civilizado?” “Até onde se pode realmente ser livre?” “O que será de todos logo mais, se não dilatarmos nossos corações ao infinito?”. Essa última ressoa em mim ao longo dos dias seguintes. O mundo está dando estranhas guinadas rumo ao “roxo escuro e negro”



da solidão. Corações comprimidos desde a Rússia até o Brasil. Talvez por isso mesmo seus novos leitores entendam melhor quando você fala “no nosso tempo de desamor e lamento”, quando “é raro ser bom prelado, ser passarinho ou trapezista”. E mais do que nunca, precisamos ser mais equilibristas, menos equilibrados.

Do lado de cá, seguimos felizmente a ter excesso de perguntas e ausência de respostas. Nossa literatura anda na moda, mas às vezes fica demasiadamente afeita a ela. Se escreve e se lê mais do que nunca, verdade. Mas os jovens profissionais que carregam os crachás das editoras estão cada vez mais próximos do bacharelado em publicidade e marketing que das aulas dos departamentos de Letras. Editoras fazem apostas altas, jovens escritores facilmente se tornam pequenas celebridades em feiras e antologias literárias: coquetéis, sorrisos, apertos de mão e entrevistas curtas, de palavras enxutas e treinadas, porque há cada vez mais parques espaços para a crítica literária neste país, principalmente nos grandes meios de imprensa. Esta se encontra numa crise profunda de identidade e ética. Possivelmente, ririam de mim agora e diria, cigarro acesso na ponta dos dedos, “quando não”?

Nessa lógica de autores que se aquecem e se esfriam ao sabor do paladar publicitário, há quem pergunte por que meios se dá esse renascer de sua obra. Ouso elaborar algumas teorias de mesa de

bar sobre o assunto. Foste, em toda a vida, uma mulher desviante. E no tempo em que pisaste sobre o chão, essas duas palavras eram muito mal vistas juntas. Hoje sua boemia, seu gosto pelo lirismo da carne humana, pelo erotismo como a fantasia que lacanianamente atravessamos até encontrar a nós mesmos encontra forte ressonância em todos os debates de uma “quarta onda” do feminismo, de jovens mulheres falando de aborto, assédio e do direito de dar a quem quiser em suas Marchas das Vadias. Você se espalha nessas meninas, nos meninos que se confundem com as meninas e naqueles outros que não negam sua condição de humana fissura. Se Drummond te diria sab(ilda), hoje facilmente te nomeariam a mais vad(ilda) de todas as vadias.

E mais: sua biografia trabalha a seu favor. A ideia da escritora que saiu das baladas paulistanas vestindo Denner e Clodovil Hernandez e, depois de fixar residência na Casa do Sol, em Campinas, passou a ser a reclusa exótica de túnica hippie, ajuda a criar uma moldura de deidade – a cruz na testa – que atrai muito mais do que repele os leitores. O fato de você ter passado anos à procura de vozes que comprovassem a existência em outro plano imaterial, mesmo que tendo feito tudo isso com rigor científico de quem trocava ideias com os renomados físicos Cesar Lattes e Mario Schenberg, colabora igualmente para que a vejam como uma



“Daniel anda achando novos rastros seus. Ele fala em, no mínimo, mais um livro de poemas inéditos. E podem ser dois.”

feiticeira, e imputam seu domínio das palavras ao sobrenatural, como se seu talento fosse obra do divino.

No entanto esse divino, fingem não entender, está somente no esforço do pensar. Basta (te) olhar “com menos altivez e mais atento”. Basta ver o Buda, as santas e toda a miscelânea de totens na sua sala, sua espiritualidade científica, investigadora, metodológica. Basta lembrar como, justo no período de maior coerção da liberdade no Brasil, escreveste peças de teatro a questionar quem são os verdugos e quem são as vítimas de nossa sociedade. Espetáculos que deviam estar sendo encenados nesse momento, porque Hilda, preciso dizer, o país anda vivendo rompantes de amnésia coletiva. “Senhoras e senhores, olhai-nos. Repensemos a tarefa de pensar o mundo”, te escuto. A escritora do amor, do desejo e da política, todos esferas da obscenidade de existir.

De qualquer forma, é um tanto reconfortante saber que o folclore em torno da sua pessoa serve também como uma, mas não a única, estratégia de aproximação. Você-cavalo, você-cão, você-demasiadamentehumana e mortalmentecomum, não importa qual personagem-narrador dialogue melhor com quem agora te lê. Importa é que as vírgulas estão sendo postas e que seus leitores sobreviver-se-ão às suas mesóclises. Colada às tuas palavras, a desordem que todos precisamos achar.



CAPA

Se eu disser que a Eternidade está em você? Acreditaria em mim? E que a derrelição que por tanto tempo imaginaste ser teu fado, essa se dissipa nas evidências de que tua obra está mais viva do que nunca? Não foste e não serás abandonada. Está presente na literatura, nos *flamboyants*, no pé de goiaba e de amora ao redor da casa. Hilda, Hillé, Hamadriade da enorme figueira que vigia e guarda Daniel, Olga, Renata e Esther Lourenço, estagiária do Instituto. Pessoas que, por sua vez, vigiam e cuidam da Casa do Sol, enquanto os cães guardam e protegem a sua poética errante pelo local. Os últimos dois que chegaram a conviver contigo morreram recentemente. Nenê se foi com 19 anos, problemas neurológicos. Daniel lembra como foi estranho abrir o portão e pela primeira vez não ser recebido por ele. Dadá teve câncer, mas alguns de seus netos se apropriaram hoje do “belíssimo pátio de pedras perfeitas” que construísse.

“O que importa é que as vírgulas estão sendo postas e que seus novos leitores sobreviver–se–ão às suas mesóclises.”

Sim, todos eles estão bem. E sentem tua falta. Sonham contigo e possivelmente esperam ouvir tua voz por detrás dos diálogos passarinhos da casa. Saiba você que logo após a sua morte, Mora, Olga e Daniel procuraram notícias de onde você poderia estar, digo, no plano etéreo. Visitaram uma mulher chamada Sonia Rinaldi que, teoricamente, fazia as mesmas experiências que você fazia com a captação de vozes estranhas. Pegaram o carro e passaram horas na estrada para chegar até ela. Saíram de lá, se sentaram num McDonald’s, se entreolharam e tiveram todos uma crise de riso. Não conseguiram nada, se não rir da ilusão de te achar fácil assim, disponível assim. De minha parte, pretendo manter intacta a gravação que fiz no dia que visitei a Casa do Sol. Nunca é demais revisitar os ruídos.

*Os personagens reais desse texto são, por ordem de aparição:

Renata Caldana, música, produtora e faz-tudo no Instituto Hilda Hilst. Conheceu a escritora antes dela morrer e decidiu viver no ambiente de sua obra.

Daniel Fuentes (ao lado), filho de Mora Fuentes e Olga Bilenky, herdeiro dos direitos autorais de Hilda e hoje responsável pela administração do instituto que leva o nome da escritora. Passou a infância chamando Hilda de vó e diz, com a ironia própria de quem conviveu com alguém que não fazia distinção entre pessoas grandes e pessoas pequenas, ter sido a única criança a “sobreviver” a ela.

Olga Bilenky, artista plástica, mulher de Mora Fuentes, tendo ido morar com ele e Hilda nos anos 70. Hoje administra a Casa do Sol ao lado do filho. São ambos hoje a memória da “família eletiva” de Hilda. Olga afirma que a figueira da casa já realizou vários de seus pedidos que, de preferência, devem ser feitos na Lua Cheia.

José Luís Mora Fuentes, escritor e artista plástico que se apaixonou por Hilda em 1968, tendo se tornado depois, ao lado do escritor Caio Fernando Abreu, um amigo inseparável. Pagou os R\$ 3 milhões de dívidas de IPTU da Casa do Sol transformando o local em Instituto, do qual foi presidente até o ano de sua morte, em 2009.

A Casa do Sol fica no Parque Xangrilá, Campinas, São Paulo.





HUMOR, AVENTURA E HISTÓRIA EM LIVROS PARA ADULTOS E CRIANÇAS



Assine.
Revista Continente
+
Suplemento Pernambuco
0800 081 1201
e-mail: assinaturas@revistacontinente.com.br



O COMPUTADOR QUE QUERIA SER GENTE

Homero Fonseca

Certo dia, Joãozinho, um garotinho de 10 anos, e Ulisses, seu computador, decidem trocar de lugar por 24 horas. A máquina queria saber como é ser um humano, por pensar que teria toda liberdade que quisesse.

R\$ 30,00



ALGUÉM VIU MINHA MÃE?

Pedro Henrique Barros

Uma menina e uma joaninha vivem o mesmo dilema: uma série de mal entendidos faz com que se sintam abandonadas pela mãe até que os problemas se resolvem e elas compreendem que são muito amadas.

R\$ 20,00

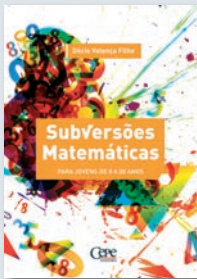


ERA UMA VEZ...

Gabriela Kopinitz dos Santos

A personagem Cigana Contadora de Histórias, criada pela jornalista Gabriela Kopinitz, que costuma ser levado à escolas para sessões de contação, transforma-se em protagonista e narra várias de suas historinhas nesse livro, que promete encantar as crianças.

R\$ 40,00



SUBVERSÕES MATEMÁTICAS - PARA JOVENS DE 8 A 80 ANOS

Decio Valença Filho

Jogos, quebra-cabeças e brincadeiras que utilizam o raciocínio lógico compõem o livro de Décio Valença, engenheiro que se intitula “matemático amador” por ser um apaixonado desta ciência. Inclui historietas atribuídas a gênios da matemática, e decifra os problemas mais difíceis.

R\$ 40,00

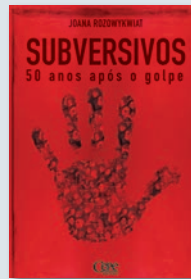


O CORPO E A EXPRESSÃO TEATRAL

Georges Stobbaerts

O livro nasceu das experiências do autor, que aliou a prática de Judo, Kendo, Iaido e Aikido, as filosofias Zen e Yoga e a formação de atores, resultando numa articulação entre a arte e o movimento, da qual nasceu o projeto Tenchi Tessen, que se baseia em reflexão, meditação e ação.

R\$ 25,00

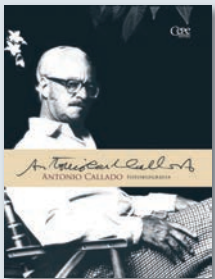


SUBVERSIVOS: 50 ANOS APÓS O GOLPE MILITAR

Joana Rozowykwiat

Alguns dos “subversivos” que atuaram em Pernambuco após o golpe militar de 31 de março de 1964, entre os quais Luciano Siqueira e Humberto Costa, abrem o coração, revelando como se sentem em relação ao passado e o que esperam para o futuro do Brasil. O livro nasceu da tese de pós-graduação em Jornalismo Político da autora.

R\$ 25,00



ANTONIO CALLADO FOTOBIOGRAFIA

Ana Arruda Callado (Org.)

Organizado por Ana Arruda Callado, viúva do biografado, *Antonio Callado Fotobiografia* percorre toda a trajetória do escritor, dramaturgo e jornalista, numa sucessão de textos curtos e saborosos.

R\$ 90,00

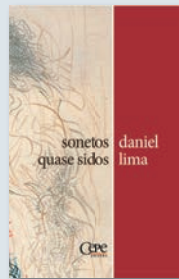


ÚLTIMO PORTO DE HENRIQUE GALVÃO

Ana Maria César

Minuciosa pesquisa sobre o ambiente que cercava o capitão Henrique Galvão, comandante do navio português Santa Maria, que atracou no Recife em 2 de fevereiro de 1961, com 871 pessoas a bordo. Galvão apoderou-se do navio em protesto contra a ditadura salazarista, e recebeu asilo político concedido pelo recém empossado presidente brasileiro Jânio Quadros.

R\$ 45,00

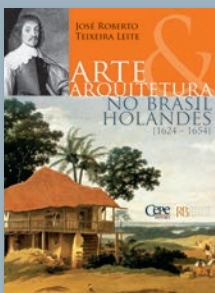


POEMAS 2

Daniel Lima

Poemas 2 reúne as obras inéditas *Cancioneiro do Entortado* e *Dernantonte*, que aproximam uma expressão popular nordestina e uma brincadeira ou canção antiga, num jogo de palavras que revela o apelo à afirmação de alguém que encontra na poesia o meio de, mergulhando em seu íntimo, entregar ao leitor o que descobriu nas profundezas de si próprio.

R\$ 40,00



ARTE & ARQUITETURA NO BRASIL HOLANDÊS (1624-1654)

José Roberto Teixeira Leite

Resultado de 50 anos dedicados ao estudo contínuo das artes e arquitetura no período da dominação holandesa no Brasil, o livro de José Roberto Teixeira Leite, *Arte e Arquitetura no Brasil Holandês (1624-1654)*, se debruça especialmente sobre a Arquitetura, o Urbanismo, a Jardinística e a Cartografia, sem esquecer da Literatura, do Teatro, da Música e das artes decorativas.

R\$ 60,00



A EMPAREDADA DA RUA NOVA

Livro mítico da literatura pernambucana, *A emparedada da Rua Nova*, escrito por Carneiro Vilela, deve seu sucesso, em grande parte, ao mistério que cerca sua criação: o autor teria retratado um crime verdadeiro e hediondo, em que uma moça indefesa fora emparedada viva, pelo próprio pai, “em defesa da honra da família”? Ou teria Vilela, usando recursos estilísticos de grande qualidade, criado a estória que, de tão bem construída, faz com que até hoje muita gente acredite que ele se baseou em fatos reais?

R\$ 45,00

Cepe
EDITORA

FAÇA SEU PEDIDO **0800 081 1201** livros@cepe.com.br

INÉDITOS

Karina Buhr



Por merecimento

Durante algum tempo só me importava com a sua chegada. Não tinha exatamente um controle de qualidade, era principalmente uma maneira de me manter educada, demônio sedado.

Depois te recebia. Braços abertos bruços.

Você era estilo prêmio semibom, superlombra selfie sexo de si mesmo, ego ótimo, bastante hipervalorizado pelo entorno e eu, a essa altura, parecia embarcar na alta do passe e entendia ter uma sorte plena, pelo meu merecimento, pelo bom comportamento.

No dia a dia não via essa figura, assim, tão atenta a minha figura mesma, mesmo conhecendo direitíssimo, era tão mais fácil me camuflar e me deixar quietinha. Dopada. Fluindo.

Até que tinha algo naquele líquido, aquele veneno no copo, que dava uma náusea que curava um pouco mas não deixava, assim, perfeitamente segura de si a pessoa eu.

E a pessoa você era um monstro, mas por que cargas, eu, minha própria monstra de mim, permitia essa vacilação, perda de horizonte, de chão, essa mesquinhez tosca diária. Por que deixava o veneno meu me corroer e ser o seu adubo?

De cabeça baixa aceitando toda merda e seguindo sem freio na destruição das vontades próprias, na preparação do shape de um jeito estranho, nem bonita ficava pra minha opinião.

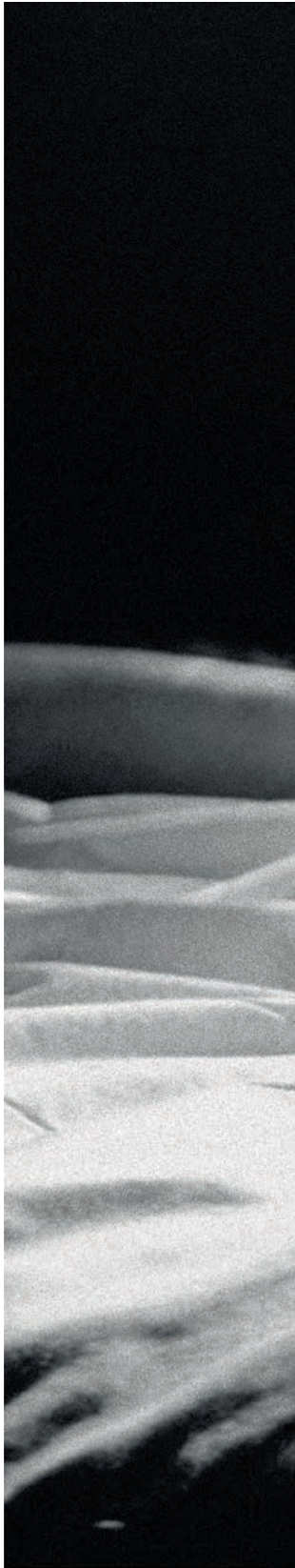
Até o sapato usava de outro tipo. O comprimento da saia. Até as palavras regulava. Pensava duas vezes antes do palavrão, antes amigo íntimo e adorado, palavrão bronco, sucesso da língua portuguesa, tradução perfeita, idioma campeão.

E logo eu, que parecia tão, mas tão super dona de mim, pras malfadadas línguas, pra opinião social do meio, pequeno meio.

Grande instrutor de passos, o meio.

Chamava-se machismo.

Esse texto estará no livro *Desperdiçando Rima*, que a Rocco lança em abril



A comunhão dos santos

Abre a boca sempre antes de abrir os olhos, que primeiro encontram o teto e logo em seguida o relógio ao lado da cama, apenas para ver uma vez mais aqueles números já familiares. Desde o fim, sem despertador mas cheia de alarme, seu corpo a trazia de volta à consciência no colchão de solteiro do lado oposto da cama de casal, o quarto vazio com a exceção óbvia de seu próprio corpo, os poucos móveis e a samambaia à janela, invariavelmente entre as 06:41 e as 06:47 da manhã, todas as manhãs desde o fim. Acordar oscilava entre o insulto e a decepção. Infeliz como se tudo fosse causado por um descompasso de ordem biológica. Ela se sentia como um descompasso de ordem biológica. E se tudo no mundo começara com um sim, ela sentia agora raiva da escritora que havia afirmado isso, assim sem mais, sem avisar que talvez apenas o primeiríssimo tenha possuído algo como a inocência de uma virgem sem dúvidas, certa de sua seleção, mas que todos os sins posteriores implicaram e seguirão implicando um não a tantas outras coisas. Tudo então no mundo começa com um sim audível e uma série de não-silenciosos, implícitos. Só Deus, esse *voyeur* insaciável, sabe como eram os hábitos de acasalamento dos primeiros *homo sapiens*. Que pitadas de brutalidade adicionamos, entra século, sai século.

Na parede ao lado da cama, ainda havia as lacunas no mural de fotografias, as imagens retiradas há poucas semanas para agilizar o processo de amnésia seletiva, como se o vácuo pudesse ser auxiliado ao dar-lhe mais espaço. Ou, ao menos, para evitar sobressaltos durante os momentos parcos de pacificação. As fotografias e polaroides do último macho se deitavam guardadas na gaveta do criado-mudo, calmas como bexigas desinfladas, ao lado da cama, ao alcance da mão, para serem usadas tão-somente durante o ritual matutino que ela se impunha e impugnava desde o fim. Era como ela escolhia iniciar as torturas do dia, tirando com uma das mãos as fotos da gaveta e com a outra a calcinha, esta manhã de algodão azul-bebê. Com as oito fotografias e polaroides espalhadas na cama, usando os vincos do lençol para mantê-las eretas, ela prosseguia, aplicando o dedo médio e o indicador sobre o que o último macho, naquele hábito de dizer insultos como se fossem coisa carinhosa, havia chamado de seu *playground*. “Vem cá, traz o *playground* pra perto do teu pau preferido,” suas aliteraçõeszinhas de merda. Eis a máxima do sexo: se o bicho-preguiça não vai à gangorra, a gangorra vai ao bicho-preguiça. E, já incapaz de se masturbar com a imaginação, fazia com a memória. As lembranças do seu pau, seu gosto, formato, textura, sua cara quando ejaculava, seu silêncio durante cada estocada de penetração rítmica, enlouquecedoramente rítmica e quieta, enquanto no ar do quarto ecoava apenas aquele som úmido de mucosas em atrito, som que sempre a constrangia. A única coisa de que sua imaginação ainda era capaz neste momento, figurá-lo fazendo as mesmas caras e bocas agora com a outra, a outra que, em sua imaginação, contorcia-se como uma anaconda ou um polvo ao redor do macho, tendo, é óbvio, muito mais prazer do que ela mesma jamais tivera. Todos os lábios em seu corpo abriam-se e fechavam-se também rítmicos. Ao gozar, como toda manhã, ela tinha úmidas a vagina e a cara, os cabelos na virilha e os que cresciam próximos das orelhas. As têmporas suadas de qualquer trabalhador braçal.

Como se fosse um guindaste prestes a se aposentar, ela se ergueu do colchão de solteiro que ela agora se alegrava de ter sempre guardado e mantido sob a cama de casal, e deu os três passos que a separavam da janela e do ar julinho de São Paulo. Cheirou os dedos, sentindo o cheiro de si mesma, o odor do escondido e do esconderijo, e o que restava da nicotina e alcatrão dos trinta e cinco cigarros do dia anterior. Com a mão ainda úmida de si, alcançou o maço que portava alguns poucos cigarros e fumou o primeiro da manhã. A cabeça ficava airada e leve, as pernas bambas. O primeiro cigarro do dia era como experimentar todos os dias o primeiro amor por cinco segundos. Que bastasse. Na cozinha, limpa e iluminada o bastante para uma cirurgia intracraniana, a sua, ela deixou a manhã transcorrer entre as três xícaras-mamute de café preto e os sete cigarros, até os sons começarem a subir do pátio do prédio, quando os machos ado-

lescentes do condomínio começavam seus rituais de seleção e eleição do macho alfa skatista. Do tacape à prancha, árvores parecem ter uma única utilidade para eles: réguas. Outra hora transcorreu na observação de seus torsos pelados entre os quinze e os dezoito anos de idade, o suor escorrendo do pescoço à crista ilíaca, e ela imaginava de novo que, mesmo com seus trinta e sete anos, ainda seria muito fácil com uns giros de anca e umas bocas de puta convencer qualquer um deles a subir com ela para seu apartamento e indulgir em alguns atos criminosos por uns cinco minutos. Era provavelmente o máximo que suas ejaculações precoces permitiriam, nem perto de satisfazer qualquer necessidade mínima sua. Quem precisava de talento para isso? Eles enfiavam aquela coisa onde puderem. E seu plano era só adicionar uma fígada a mais a suas câibras. Erê, erê. Como toda manhã, decidiu toda sóbria e sábia que acrescentar um processo criminal por pedofilia à sua vida não seria necessariamente um progresso. Quem me dera, ela pensava, ter um pau, uma pica, uma taba, um caralho, um cacete, uma piroca, um pinto, poder enfiá-lo de forma indiscriminada em todo buraco existente no planeta, devorar donzelinhas sonhando com vidas de gueixa até encontrar a loira oxigenada escolhida, uma Jessica Lange de subúrbio, uma Naomi Watts de favela, escalar um fálico Empire State Building, subir com as quatro patas ao topo de um Edifício Itália qualquer, bater contra o peito cabeludo de macho, gritar um urro incompreensível de gorila que se traduzisse como “*eu, eu, eu, eu, eu*”, ser alvejado por metralhadoras da FAB, esquadrilha da fumaça dos ridículos e dos desprazeres, cair ao chão esmagando camelôs e andarilhos, bloquear o tráfico como belo e intratável cacto com formato de piroca. Mas ela era uma Conga, uma monga, uma songa-monga destinada a cheirar e chorar por sungas pelo resto da vida. Riu de si e sussurrou: “Ai, Almodóvar do meu rabo, Ana Karênina *c’est moi*”. Já tinha a buceta, por que não fazia a Boadiceia? Porque os machos romanos ganharam, minha filha, olha essa língua de colonizados que falamos.

Quando a fome chegou, desceu e foi comer a única coisa que tolerava estes dias: peixes crus, os que não podem gritar à hora da própria morte, pescados por machos caucasianos, retalhados por machos asiáticos, envelopados no que sempre lhe parecia cartolina laminada preta, origami incompetente e monótono. Depois, no café da esquina, pôs-se ativa e patética a uma mesa, ao alcance das mãos uma antologia de Sylvia Plath, a largada, a abandonada, a trocada, tinha mais uma xícara de café e os cigarros, os ares resignados de uma rainha rejeitada por Henrique VIII.

Com cafeína suficiente no bucho e no cérebro, guardou Plath na tumba de sua Prada falsificada e desceu a Fradique Coutinho em direção à Teodoro Sampaio, topando com os machos soltos da primavera mais falsa ainda de São Paulo, estes potros mancos que acham que o fedor de seus suores acumulados é feromônio bastante para os seus dois X do desespero, e ela ia pensando, como quem levanta placas de 0 a 10 em concursos de Mister Universo: “Este desgraçado aí pensa que está em Nova Iorque”, “Este outro infeliz jura que está em Berlim”, “Olha este maltrapilho se achando em plena Machu Pichu”, intercalando-as com umas “bitch, puta” para si mesma, mas perdendo-se em sua forma roliça de vaca gorda por estar vivendo em pleno inverno descontente das vacas magras. Na esquina, uma infeliz distribuía jornais, dizendo que era de graça, e ela disse à colega: “Nada é de graça, minha filha.”

Esperou na sujeira da calçada pelo transporte público paulistano, o sistema que mais se assemelhava à sua vida amorosa. Sacolejando no ônibus como se estivesse sendo fodida pelo conjunto de todos os machos que passaram por entre suas pernas, chegou à Avenida Paulista e caminhou até o MASP. Queria estar sob aquele vão, olhar de longe para aquela forma sobre quatro pilares vermelhos como se fosse uma cadela com a sarna devorando as pernas e as patas, de quatro em plena avenida. Sob aquele vão ela conseguiria talvez esvaziar a cabeça. Queria meditar sobre o nada, ser uma vaca no vácuo, mas falhou, como sempre. Fragmentos de canção de fossa invadiam sua

FOTO: DIVULGAÇÃO



cabeçoila, ceninhas de comédias românticas, até que ela disse um audível “Vai tomar no cu, Meg Ryan” e se pôs a observar a cidade desvairadinha, seus *office boys*, seus *motoboys*, seus *agroboys*, todos estes seus *boys* carinhosos como bodes, taludos como bois. Quando se cansou do contacto visual e olfativo com os seus conterrâneos e contemporâneos, caminhou até a estação de metrô da Consolação, hora do *rush* e do *rouge* borrado, desceu com as sardinhas companheiras até o subsolo da cidade que deveria estar toda ela no subterrâneo, a escada rolante abarrotada, com a exceção do degrau posterior e anterior que separavam dos cidadãos bem financiados de São Paulo o grupo de mulheres ciganas com seus três filhos cada, a tiracolo. Em São Paulo ama-se o próximo desde que o mais próximo seja com um degrau de escada-rolante de permeio. Ela queria deixar que uma delas lesse sua mão e dissesse a verdade, como o cego vidente em *As sete faces do doutor Lô* dissera àquela velhota: “Amanhã será como hoje, e depois de amanhã como o dia antes de ontem”, mas não lhe parecia de bom tom, não ali onde todos pareciam frequentadores do CineSesc, dos barzinhos de *jazz*, ali onde todos pareciam ostentar aquela careta de quem diz “eu como trufas e sei quem foi Truffaut”, os narizes empinados como se tivessem carteirinhas de sócio dalgum *country club*. E ela pensava, vida longa ao progresso do Brasil, à estabilidade da economia, à democracia pujante das transições imperceptíveis, os mortos da ditadura educados e caladinhos em suas valas comuns ou no fundo do Atlântico, os analfabetos polidamente ágrafos nos cantos do território deste mapa em forma de jaca de ponta-cabeça, essa moeda que nos leva a misturar realeza e realidade, nos faz subir na vida, escalar a pirâmide dos Tutancâmons do Fundo Monetário Internacional, ah!, agora sim, de muambeiros de Asunción a muambeiros de Miami. Desconsolada. Qualquer um vai a Paris hoje em dia, menos ela. Mas foda-se Paris, até ela descendeu de príncipe amante de Helena a homônimo de herdeiras dos *nouveaux riches* da hotelaria. Era quarta-feira, dez de agosto de 2013, e ela estava sofisticada, politizada e puta da vida.

Quando chegou ao apartamento na Mateus Grou, anoitecia no Pico do Jaraguá, não no Fuji. Estar em casa, como ser a única na sala do cinema e o gerente cancelar a sessão. Decidiu pegar a bicicleta, pedalar, afundando bem a genitália no selim, ir por entre os carros masturbando-se em público, as mãos suando no guidão. Pedalou até o boteco próximo à favela onde saberia encontrar o padê nosso de cada dia, fez a transação com ares de iniciada, lá onde a

chamavam de “a obesa senhora R., R. de rebordosa, viu?” Decidiu sulcar as carreiras com seu cartão do Bradesco só em casa, seguiu por entre as ruas da Vila Madalena num misto de pavor e ânsia de encontrá-lo por acaso, ele, o afilhado da puta que morava na Rua Harmonia, “Rua Harmonia!”, ela ria, tragicômica e toxicômana, quem sabe estivesse na rua àquela hora com a outra, que por sua vez morava na Rua Purpurina, “Quem é que podia fazer sexo hétero a sério na Rua Purpurina?”, ela pensava, quando o acaso, o pulha, a fez virar a esquina da rua em que os dois subiam de braços dados como um casalzinho da década de 40. Ela reconheceu de imediato o formato do tórax e a linha que descia pelos ombros à sua cintura. Ao lado dele a dita cuja, a felizarda, o corpo magro, magro, e isso bastou para que ela perdesse o equilíbrio e caísse em decúbito dorsal sobre o asfalto. Ele esboçou o gesto de correr e ajudá-la a levantar-se, que cordial, cavalheiro e cordato na frente da outra, ela pensou, mas foi mais rápida que seu esboço de galhardia e montou a bicicleta feito um potro capenga, ralada no queixo como um provolone qualquer, Dona Caixota e seu Rocinante de roça, podendo ver ainda, na cara da outra, de relance, ela não sabia se a expressão de vergonha alheia, compaixão ou riso contido. Tanto melhor, humilhada ela se sentia mais viva. Ela, que achava que aquele dia passaria em costureira baça, tinha agora seu ponto luminoso, serviria de tormento por meses.

Chegou ao apartamento em plenário consigo mesma, discursando às paredes, era ao mesmo tempo Marat e Corday, regicida e pelotão de fuzilamento, o cartão do Bradesco formava carreiras na mesa de vidro comprada a prestações, minhocas pálidas de giz, o coração acelerava em humilhação e taquicardia, afundou a cara na almofada, beijou os ácaros com suas cáries, chorou e ficou ainda mais feia. Queria dormir e acordar no século 22, todos os conhecidos mortos e enterrados, nem ossos mais, visitaria cada um e dançaria um funk carioca sobre seus túmulos. Não haver facas suficientes para tanta garganta. Ela era um Anthrax, um Modess, um Belo Monte de merda. Rolou no chão e abriu os braços em cruz, arrependida Maria Madalena da Vila Madalena, queria morrer como Elis Regina, ouvindo Elis Regina.

A noite passou com a mansidão dos que jamais herdarão a terra. Mantinha-a acordada a cocaína e a vontade de enrolar-se em pupa, despertar como pterodáctilo. Consumida às 5:13 da manhã a última rodovia tóxica, grama de pó circulando nos seus 87.000 gramas, o coração acelerou de vez e disse, “não é o

amor, agora é a morte”. Fumou um baseado de haxixe para acalmar-se e tudo girou feito escadaria *art déco*, correu para o banheiro para lavar a cara de cavalo. Ao espelho, seu rosto virava tela de Youtube e todos os rostos que conhecia passavam pelo seu, não se enxergava, enxergava a mãe morta de vergonha pela filha toxicômana, o pai podre no caixão, os irmãos, colegas de trabalho falando “coitada, morreu sozinha, só acharam seu cadáver quando começou a feder mais que o de sempre,” imaginou-se manchete no *Metronews*, no *Notícias Populares*, morta com pé na bunda e pó na fuça, sabia-se louca, agora, afinal louca, louca incapaz de pagar as contas da Sabesp, da Eletropaulo, da Comgás. Internada ou enterrada, só podia ser mesmo esse o seu fim. Não havia ninguém que gritasse “Ô idiota, é só um ataque de pânico”.

Correu. Queria chegar ao Hospital das Clínicas, confessar-se à assistente social como se esta fosse um padre do interior, se deixar ser jogada numa maca, pedir eletroencefalogramas que provassem que estava viva e não era completamente retardada. Subiu a Teodoro Sampaio às carreiras, como as que pela noite toda havia consumido.

Foi à altura da Praça Benedito Calixto que notou, do outro lado da rua, o andarilho, o mendigo. “Macho imundo”, pensou, “eu estou morrendo”. Foi aí que o viu parar no primeiro orelhão e começar a baforejar sobre o bocal do receptor. Baforejava, lançava partículas de saliva sobre a superfície que em poucas horas seria usada pelos cidadãos corretíssimos de São Paulo, comungava com a sociedade sua tuberculose, sua gripe, o que fosse de sua tosse. Ela diminuiu o passo e o seguiu, alguns metros atrás, pela calçada oposta. A cada telefone público, a mesma ação de graças, soprava dos pulmões a única coisa que possuía, e a distribuía, repartia, doava.

Louca e colocada, deslocada ela queria, não conseguia deixar de desejar aquela última troca de fluidos com outra pessoa, crendo-se com um pé na cova, calada a caminho do Hades onde seria torturada ao lado de Maria Callas e Mario Covas. O mendigo já se encaminhava ao próximo orelhão quando ela atravessou a rua. Seguiu até o aparelho que permitia a comunicação das desgraças e dos fins entre homem e mulher, homem e homem, mulher e mulher, e, feito uma Simone Weil das salmonelas, o lambeu. A última convulsão de mero pânico chutou sua pança, apertou seu peito com os seios já íntimos da gravidade. Quando despencou feito um saco de bananas podres, crendo-se morta mas apenas desacordada, nem o mendigo notou.

RESENHAS



Toda viagem, no fundo, é uma falsa reportagem

O escritor Tiago Novaes recria uma Banguete pessoal em *Os amantes da fronteira*

Schneider Carpeggiani

“Um escritor chamado Tiago Novaes que eu não me correspondo e de quem jamais ouvi falar me enviou uma estranha reportagem (???) sobre sua viagem à Tailândia. Fiquei surpreendido com a maturidade da escrita e o inesperado desse ‘Sião’ surgido nas esquinas da previsibilidade atual.” A mensagem, em forma de alerta, do escritor Fernando Monteiro sobre o romance *Os amantes da fronteira* terminava com o seguinte detalhe irresistível: “Ele (Tiago) não aborda nada daquilo que você espera que ele aborde”. E talvez seja justamente isso o que procuramos numa obra literária de verdade: que o autor não aborde nada do que esperamos. Literatura é calabouço, é passo em falso.

E convenhamos: não há como negar uma indicação de Monteiro, justamente um dos autores brasileiros mais inovadores, um homem em constante guerrilha contra o tédio e contra as cartas marcadas do mercado literário. O seu breve comentário sobre

o livro de Novaes traz o melhor comentário crítico que o livro poderia ter, ao tratar uma obra que justamente se define como romance, como ficção, como “reportagem” e com direito a parênteses com interrogativas. Essa sua perspectiva faz ainda mais sentido ao lembrarmos que *Amantes da fronteira* é construído como uma “ficção de viagem”.

Ora, todo relato de viagem, no fundo, acaba constituindo uma espécie de reportagem, e reportagens são construções que têm a frágil convicção de estar levando o leitor para um terreno seguro. Concreto e objetivo. E nada mais artificial do que a objetividade. A reportagem de si mesmo que Tiago constrói parte da necessidade de um homem, após uma desilusão amorosa, de erguer uma realidade artificial ao seu redor: viaja para a Tailândia, país do qual ele pouco sabe, em busca de algum tipo reconstrução em meio ao caos. “E viajar, por

que não, me devolveria à eclosão daquele tempo, onde tudo ainda estava por revelar. A aurora dos signos que eram apenas figuras germinais, as cores frescas no céu que anunciam um dia que nunca chega, uma sede preservada”, explica (?) o narrador, nos lembrando que estamos de certa forma numa boneca russa de ficções, ou seja: uma ficção (a novela) dentro de outra (a viagem).

A obra de Novaes faz parte da coleção *Pequenos exílios*. “Queríamos criar uma coleção de autores brasileiros sobre a viagem, o exílio, migrações, o contato com o estrangeiro. A ideia é que os autores tivessem morado fora, e pudessem falar da experiência de uma perspectiva mais radical, afastando-se de impressões meramente futurísticas”, explica o autor em conversa por e-mail. A ideia de uma coleção sobre obras de viagem não parece das melhores, sobretudo após o naufrágio da série *Amores expressos*, da Companhia das Letras, série na qual os escritores precisavam

criar uma história de amor após viverem um mês em outra cidade. No entanto, a *Pequenos exílios* vai pelo caminho oposto: o viver é prévio à ficção, a escrita da viagem é refém do que aconteceu ou deixou de acontecer. E é assim que as melhores ficções são construídas, aquelas que, como no livro de Novaes, “não abordam nada daquilo que você espera que elas abordem”.



ROMANCE

Os amantes da fronteira
Autor - Tiago Novaes
Editora - Dobra Editorial
Páginas - 112
Preço - R\$ 20,00

Mariza
Pontes

NOTAS
DE RODAPÉ

CRIANCINE

Festival promove mostras e oficinas de cinema para crianças e jovens do Agreste

A terceira edição do Criancine – Festival de Cinema Infantojuvenil, produzido pela Taquary Filmes, vai levar de 27 a 30 de abril, para Taquaritinga do Norte, Orobó e Bom Jardim, exibição de filmes nacionais e oficinas de cinema, sempre seguidas de debates com realizadores, professores e estudantes, visando o desenvolvimento social e de uma consciência crítica sobre

cinema para as crianças e jovens. O promotor do evento, Alexandre Soares, espera superar o sucesso da edição itinerante do ano passado (foto), que contou com a participação de alunos de 25 escolas e reuniu um público de cerca de 2.800 pessoas das cidades de Taquaritinga do Norte, Vertentes, Bom Jardim e Orobó, onde além das exibições também foram realizadas oficinas de cineclubismo.



DIVULGAÇÃO



Para driblar o banal

Relatos de viagem, relatos de tentativas. Há algo no momento atual que anda fazendo com que experiências artificiais (ou seja: aquelas que não fazem parte da vida banal, que são escolhas) ganhem o fascínio dos escritores. É o caso do livro de Tiago Novaes, tratado na página ao lado, e deste *Incendiário*, que conta/reconstrói a experiência do autor na Legião Estrangeira, na França. Mas não é um livro de batalhas ou de aventuras cinematográficas, mas da curiosidade diante do estranho, da necessidade de driblar a banalidade tão superestimada na literatura recente. Um romance de formação, que compreende a importância do vírus literário durante as grandes viagens/descobertas, como explicita a passagem: “Eu era um garoto quando acabei de ler *Trópico de câncer*, a obra prima de Henry Miller, e nele me vi frente a frente com

um ser de verdade. Não um personagem. Não uma história. Mas um ser vivo. Feito de sangue e carne, ossos e gordura. Suas confissões, seus delírios. Finalmente lia, e era como se o próprio autor me contasse, não outras histórias, mas a sua história.” (S.C.)



ROMANCE

Incendiário
Autor - Renato da Silva Moreira
Editora - Cepe
Páginas - 150
Preço - R\$ 20

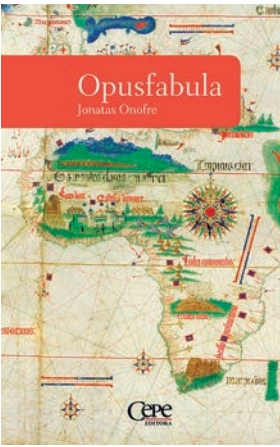
DIVULGAÇÃO



Fabulação do épico

É justamente no susto de uma imagem, como a necessária miragem que afasta e aproxima todos os viajantes, que dá início à aventura poética do autor: “Era o vazio/no instante anterior/ onde a construção/e silêncio”. Trata-se de um poema quase épico, lembrando que a palavra épica na literatura contemporânea só pode ser usada se revestida de ironia. Curiosa (e acertada) é sua decisão de lançar mão da palavra “fábula” no título. Como observa o crítico Anco Márcio Tenório Vieira, no prefácio, “fábula” pode designar uma conversa, uma narrativa, ou até mesmo uma grande mentira. “É como se tudo que existiu ou que existe no mundo (tanto o fato em si quanto o que se escreveu ou o que se narra oralmente sobre ele, mas também o modo como as

artes temporal – poesia – e espacial – pintura – organizam esse mundo) terminasse por promover uma tênue e imbricante fronteira entre o narrar, a ficção e a mentira”, define o crítico, destacando a consciência do autor nas escolhas de fabulação da sua épica. (S.C.)



POESIA

Opusfabula
Autor - Jonatas Onofre
Editora - Cepe
Páginas - 76
Preço - R\$ 20

PRATELEIRA

MACHADO DE ASSIS: DO FOLHETIM AO LIVRO

As dificuldades de transição de *Quincas Borba*, último romance-folhetim de Machado de Assis, para um volume único, de narrativa global, motivaram o estudo de Cláudia Suriani, que analisa o processo de criação do folhetim e seu diálogo com o espírito da revista onde era publicado, que teria contribuído para marcar no autor sua narrativa realista e irônica, dedicada a criticar os costumes e a situação política de seu tempo com mordacidade.



Autora: Ana Claudia Suriani da Silva
Editora: nVersos
Páginas: 288
Preço: R\$ 49,90

A BÍBLIA SEGUNDO O GATO

HQ francesa, traduzida por Fernando Scheibe para o universo brasileiro, aborda de forma politicamente incorreta, inteligente e divertida, temas tabus como aborto, casamento gay, religião, exploração e violência, com a intenção de provocar reflexão. Segundo o autor, apesar da irreverência, a HQ representa um apelo à tolerância, uma ode à paz e à liberdade, e um manifesto contra todo tipo de discriminação e violência.



Autor: Philippe Geluck
Editora: Nemo
Páginas: 200
Preço: R\$ 49

A ÉTICA DO BEM-DIZER NOS ESTUDOS LACANIANOS SOBRE A COMÉDIA

As análises psicanalítica e literária se complementam nessa obra, em que as nuances do teatro de comédia têm a função de questionar as diversas faces da cultura, ao mesmo tempo que autoriza todos os prazeres caros à disposição humana, enquanto os grandes vícios, entendidos à luz da psicanálise como sintomas, não encontram cura ou solução, impondo-se como nova linguagem à lógica do bom senso ou do senso comum.



Autora: Laura Lustosa Rubião
Editora: UFMG
Páginas: 270
Preço: R\$ 41,00

NO PAÍS DO VOALÁ

A artista plástica, escritora e ilustradora Vivian Suppa usa ditados populares e onomatopeias para mostrar a arte de saber falar e calar na hora certa. Os personagens passeiam pela monarquia francesa, vestidos a caráter. Com emprego de frases curtas e ritmadas, ela apresenta recursos de linguagem e comunicação de forma agradável e divertida para as crianças. Como ilustradora, Suppa utiliza um traço leve e adota colagens.



Autor: Suppa
Editora: do Brasil
Páginas: 32
Preço: R\$ 32,60

CRIANCINE 2

Júri é formado pelo público das comunidades

Os temas se dirigem às crianças e jovens: *bullying*, diferenças e acessibilidade. O público define a premiação, votando nos curtas-metragens, entre documentários, animação e ficção, coroando um processo que visa a difusão do cinema nacional para um público que normalmente não tem acesso ao consumo e à reflexão do cinema. O projeto tem apoio do Funcultura. As sessões começam às 8h, com entrada franca.

TROCA-TROCA

Feira será realizada no final do mês em Arcoverde

A biblioteca José Lins do Rego, do Sesc Arcoverde, vem arrecadando livros e gibis para uma Feira do Troca-Troca, no dia 30, que acontecerá das 16h30 às 20h, no salão de festas da unidade. A entrega do material pode ser feita até o dia 28. A cada exemplar doado, o doador recebe um cupom que lhe permite a troca por outro título. A feira visa facilitar a aquisição de livros, incentivar a leitura e estimular a doação.

ACERVO DIGITALIZADO

Mais de duas décadas do Suplemento Cultural

Encontra-se digitalizado, disponível no site www.cepe.com.br, 21 anos do *Suplemento Cultural do Diário Oficial de Pernambuco* (1986 a 2006). Após essa data, ele recebe o nome de *Suplemento Pernambuco*. Também já estão digitalizados e disponíveis para pesquisa todo o acervo do *Diário da Manhã*, jornais do século 19 e os importantes arquivos da Comissão Estadual da Memória e da Verdade Dom Helder Camara.

CRÔNICA

Márcia Denser

JANIO SANTOS



Working
in Progress

Ainda estou me decidindo se morro ou não de cirrose, a turma aqui em casa não ia achar a menor graça, então penso no que li no Reinaldo Moraes que diz se tivesse de parar de beber e cheirar e fazer jogging logo cedo todo dia, a vida não teria a menor sentido (ou algo assim): tentei encontrar a frase exata naquele romance dele de duzentas mil páginas, mas uma frase é a coisa mais perdível do mundo, leu, gostou, valeu, mas pra retornar a ela, crau, adio; mas tenho absoluta certeza que ele disse isso muito melhor do que eu agora, enfim com mais ou menos o mesmo significado/e quem se importa com significados, porra? /quem está falando em significados, porra? /eu queria a frase exata, precisava da frase exata/ aliás estou sempre precisando de alguma coisa urgentemente, feito o Nöll naquele conto do caralho que absolutamente você não leu, claro, então é bobagem ficar dando esse tipo de raporte, ficar aludindo a algo que ninguém lembra ou sabe ou leu, é uma merda, o mundo vai se tornando um bocado restrito assim, sabia, cara? E não adianta nada se emputecer, não adianta mesmo.

Sem contar que estou ficando literariamente afásica , troco todas as letras quando escrevo, deve ser efeito ANTECIPADO da cirrose da qual ainda não me decidi se morro ou não, até porque segundo minha hepatologista, uma baiana maravilhosamente arre-tada, tenho essa hepatite C há uns 20 anos, é mole? Peguei onde? Tem que ser contato tipo sangue contaminado, mas pelo que eu saiba

nunca dei o cu, mesmo assim, just in case, fiz exame e não tenho Aids, então pelo sexo não foi. Nunca tomei transfusões de sangue, jamais, restando, portanto meus malditos tratamentos dentários, uma sangueira do caralho, prótese cai não cai, arranca, não arranca, balança e cai e sangra, sangra mais. Deve ter sido por aí. FOI AÍ, porra.

Mas que interessa agora onde e como, por-ra, se mediante os fatos preciso me decidir se morro ou não de cirrose hepática; lendo a biópsia científico-me que em vários seto-res estou com necroses de terceiro grau, um record e tanto, baby, sem contar que sou alcoólatra há uns 30 anos, daí pra mais. E meus dentes SEMPRE foram péssimos desde que me conheço por gente. Então a gente reúne as duas coisas e crau: um Sherlock rápido. Pena que não seja policial nem ficção. Pra ler nas férias.

E achas que sinto Mágoa ou Remorso ou Arrependimento ou alguma merda no gêne-ro? De forma alguma, o fato é que PRECISO CONTINUAR BEBENDO, só assim a vida faz algum sentido, ok, ok., não sou nenhum cônsul britânico em Tiahuanac/México tipo Under The Volcano (aliás um puta filme, o último do John Huston), desses que, quando em cana, bebiam mescal no penico, íntimo de ver abutres em lavatórios: Malcolm Lowry fode com qualquer aspirante a dipsomaniaco, podem apostar. E imaginar que foi o Os-man Lins, que pela cara devia ser abstinêio, me deu esse livro “pela qualidade literária”, através da mulher dele, Julieta – Under the

Volcano foi uma espécie de pito literário – para mim parar de ser drogada e alcoólatra e de encher o saco da patota literária tão chic que frequentávamos e à qual eu só pertencia devido a meu talento in-so-fis-má-vel.

Ok, ok, você fica mudando de assunto e não decide se morre ou cuida da porra dessa cirrose a caminho – ou será da morte a cami-nho? Engraçado, ficou fashion dizer que as coisas “estão a caminho” – in coming! – outro americanismo de merda, será que brasileiro não sabe pensar na própria língua? Supondo que ele pense, claro. Quanto a você, pense logo e decida se morre ou não de cirrose, é simples, uma elementar operação decisória.

Bom. Digamos que, provisoriamente, es-tarei me decidindo nos próximos seis meses (minha hepatologista arretada vaticina que devo ter essa merda há 20 anos, seis meses a mais ou a menos não farão grande dife-rença). E me libera profilaticamente uma garrafa de vinho a cada 24 horas. Nada mal. Protelemos pois.

Ah, Márcia, você adora acostamentos quando o automóvel estaria pronto para a viagem. Um cara, meu primeiro psicanalista, me disse isso: você tem dinheiro no banco e não saca. Mas, profeticamente, respondi a ele num conto que escrevi aos 34 anos (e que só AGORA faz sentido): se não estivesse ferida, estaria voando. Então, eu te desmas-carou, espertinho, não tem mais graça. Defi-nitivamente não. Por isso vou continuar me decidindo, etc. E vamos considerar isto uma obra em progresso, fui clara?